



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**O filho resiliente: estudo dos níveis de
resiliência em adolescentes com e sem irmãos**

Susana Margarida Maia Gonçalves

Orientador de dissertação

JOAQUIM EDUARDO SÁ

Coordenador do Seminário de Dissertação

JOAQUIM EDUARDO SÁ

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de :

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Joaquim Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Às minhas estrelas da terra,
às minhas **E**strelas do céu
e à maior de todas elas....

Obrigada.

RESUMO

A resiliência é o processo ou a capacidade de ultrapassar e de reagir de forma flexível a desafios ou situações ameaçadoras que possam surgir no decurso da vida dos indivíduos. No entanto, nem todos os indivíduos são capazes de superar tais situações de forma positiva. A escassez de estudos consistentes nesta área no nosso país e envolvendo adolescentes inseridos em associações tais como o movimento escutista, bem como o reduzido número de programas de promoção da resiliência justifica a importância da presente investigação. Assim, esta investigação teve como principais objectivos analisar os níveis de resiliência de adolescentes com e sem irmãos e verificar a existência de correlações significativas entre os níveis de resiliência em adolescentes com e sem irmãos cujo pai e mãe têm ou não irmãos. Para tal recorreu-se à utilização das escalas de Avaliação Global da Resiliência (EAGR) e de Avaliação do Eu Resiliente (EAER). Os resultados indicaram que não existem diferenças significativas nos níveis de resiliência em adolescentes escuteiros com e sem irmãos, no entanto verificaram-se correlações significativas entre os níveis de resiliência de adolescentes com e sem irmãos cujo pai e mãe têm ou não irmãos.

Palavras-chave: resiliência, adolescentes, escutismo

ABSTRACT

Resilience is the process or the ability to overcome and respond flexibly to challenges or threatening situations that may arise during the life of individuals. However, not all individuals are able to overcome such situations in a positive way. The lack of consistent studies in this area in our country and involving adolescents from associations such as the Scout Movement, and the small number of programs to promote resilience justifies the importance of this research. Thus, this research had as main objective to analyze the levels of resilience in adolescents with and without siblings and verify the existence of significant correlations between levels of resilience in adolescents with and without siblings whose father and mother have siblings or not. To this end we resorted to the use of *Escala Avaliação Global da Resiliência* (EAGR) and *Escala de Avaliação do Eu Resiliente* (EAER). The results indicated that no significant differences in the levels of resilience in adolescents scouts with and without siblings, however there were significant correlations between levels of resilience in adolescents with and without siblings whose father and mother have siblings or not.

Keywords: resilience, adolescents, scout

Índice

- Introdução -----	1
- Revisão de literatura -----	2
- Clarificação do conceito -----	2
- Factores de protecção e factores de risco -----	8
- Modelos da resiliência -----	13
- Importância da resiliência no processo de desenvolvimento -----	15
- Método -----	17
- Delineamento -----	17
- Participantes -----	17
- Procedimento -----	18
- Instrumentos -----	18
- Resultados -----	20
- Discussão -----	29
- Conclusão -----	31
- Referências Bibliográficas -----	35
- Anexos -----	41
- ANEXO 1: Pedido de autorização para recolha de dados -----	42
- ANEXO 2: Carta de consentimento informado -----	43
- ANEXO 3: Escala de Avaliação Global da Resiliência -----	44
- ANEXO 4: Escala de Avaliação do Eu Resiliente -----	45
- ANEXO 5: Outputs -----	46

Introdução

Apesar de ser um conceito relativamente recente, a resiliência é largamente conhecida na literatura e tem sido também amplamente estudada a nível científico. No entanto, tem-se revelado fértil em contra-sensos e divergências conceptuais e metodológicas e a investigação neste campo em Portugal é ainda escassa. Embora contemplando diversas variáveis, o estudo com adolescentes com e sem irmãos é inexistente, sobretudo em amostras inseridas em associações que promovem o desenvolvimento da resiliência, ainda que de forma não consciente e não direccionada concretamente para este domínio. Desta forma, a presente investigação confirma o alargamento da psicologia a outros campos, inaugurando o estudo científico de adolescentes no âmbito do movimento escutista, e representa uma contribuição para o estudo da resiliência em Portugal.

Sabe-se que as adversidades são um componente indissolúvel da vida de qualquer indivíduo e estão cada vez mais presentes nas sociedades contemporâneas. No entanto, proteger qualquer criança ou adolescente das adversidades não é ensinar a lidar com elas, pelo que, a resiliência não envolve apenas suporte e força mas também acções que estimulem o desenvolvimento da mesma (Grotberg, 2003). Uma vez que a resiliência pode ser promovida em qualquer etapa da vida dos sujeitos, emerge a necessidade de criar programas inovadores baseados em metodologias de eficácia comprovada. O movimento escutista assenta no desenvolvimento integral dos jovens, através de metodologias lúdicas e fundamentadas, encaminhando-os para uma vida de fortalecimento físico e psicológico no qual são eles os próprios autores do seu desenvolvimento. Desta forma, e tendo como inspiração esta pedagogia secular, propusemo-nos a extrair algo de positivo que pudesse aplicar-se ao campo da criação de programas de promoção da resiliência.

Assim, este trabalho teve como objectivos principais perceber se adolescentes com irmãos possuíam níveis mais elevados de resiliência relativamente aos adolescentes sem irmãos. Por outro lado, tentou-se também perceber se existiriam correlações significativas entre os níveis de resiliência dos adolescentes com e sem irmãos relativamente ao facto de os seus pais e mães possuírem ou não irmãos.

Revisão da literatura

“Quando uma das portas da felicidade se fecha, abre-se outra. Frequentemente ficamos a olhar para a porta fechada durante tanto tempo que não percebemos que uma nova porta se abriu para nós.”

Helen Keller

Clarificação do conceito

O termo resiliência deriva de *resilientia* em latim e directamente de *resilier* em francês que é etimologicamente formado pelo prefixo *re* (que indica movimento para trás) e *salire* (saltar, pular, retrair) pelo que *resilir* significa, literalmente, saltar para trás (Lighezzolo & Tichey, 2004; Anaut, 2005). Originariamente o termo resiliência surgiu no domínio da Física como referência à propriedade pela qual a energia armazenada num determinado corpo é devolvida quando cessa a tensão sobre ele exercida, regressando o corpo deformado à sua forma inicial (Gonçalves, 2003). A partir de uma certa temperatura, designada temperatura de transição, poder-se-ia considerar que cada material, em diferentes circunstâncias, possui diferentes potenciais de resposta para as variações bruscas de intensidade nas pressões do meio. De forma análoga, a resiliência tem sido aplicada ao domínio da psicologia, no entanto, em psicologia a resiliência não surge de forma tão rigorosa devido à multiplicidade de circunstâncias e variáveis que podem interferir e ser consideradas no estudo dos fenómenos humanos pelo que, a mera comparação entre o ser humano e um material inanimado seria algo simplista (Tarter & Vanyukov, 1999). Assim, uma vez que a resiliência não se reduz à simples capacidade de resistência que a ideia de rigidez veicula (o que poderia corresponder a uma resistência ao choque bem como a um estado que pudesse implicar a paralisia/invulnerabilidade do sujeito, afastada da flexibilidade necessária ao surgimento e manutenção da resiliência) esta refere-se antes às propriedades de maleabilidade e adaptação (Lighezzolo & Tichey, 2004; Anaut, 2005) pelo que tal comparação é, legitimamente, frequentemente colocada em causa (Anthony et al, 1982, cit. in Anaut, 2005). Por outro lado, a resiliência não é constante nem definitiva, podendo o sujeito ser resiliente em determinados domínios e em outros não o ser havendo a possibilidade de, em qualquer momento do seu

ciclo de vida, acontecerem rupturas na sua capacidade de resiliência. A resiliência é assim, antes de mais, um equilíbrio de forças que depende de determinados factores que modificam as reacções aos perigos existentes no ambiente afectivo e social do indivíduo, podendo os recursos latentes ser activados espontaneamente pelo indivíduo em resultado de estimulações ou de apoios externos (Manciaux et al, 2001, cit. in Anaut, 2005).

O conceito de resiliência situa-se numa encruzilhada epistemológica no campo da psicologia, integrando os contributos das teorias psicanalíticas, desenvolvimentais e comportamentais e absorvendo as abordagens clínicas, psicopatológicas e socioeducativas contemporâneas (Anaut, 2005). Ao longo do tempo tem-se assistido a uma evolução e consolidação significativa do modelo teórico da resiliência bem como a um alargamento do seu campo de aplicação, contribuindo para questionar e abandonar os modelos de pensamento anteriormente vigentes e meramente centrados na psicopatologia, na vulnerabilidade dos sujeitos e nos factores considerados de risco. Neste sentido, deixou então de ser um simples conceito a passou a constituir um modelo de compreensão do sujeito humano na sua dimensão normal e patológica global alterando definitivamente a visão sobre o desenvolvimento dos indivíduos e sobre a prevenção (Lighezzolo & Tichey, 2004; Anaut, 2005). Assim, foram então surgindo vários modelos abrangendo e salientando os mais diversos factores e desenhos experimentais num crescente grau de complexidade, numa tentativa de obter um conhecimento mais aprofundado e consistente de causas, processos e resultados envolvidos na resiliência (Anaut, 2005) com uma crescente relevância dada à interacção entre indivíduo e meio. Termos como resiliência, invulnerabilidade, resistência ao stress, firmeza/dureza (“*hardiness*”), adaptação, capacidade, plasticidade, tampão social ou ajustamento indivíduo-meio têm sido utilizados na literatura de forma indistinta e por vezes desadequada, implicando por vezes uma certa constância em vez de permitir uma variação ao longo do tempo, espaço, estágio de desenvolvimento ou contexto situacional (Fisher et al, 1987, cit. in Kaplan, 1999) sugerindo a inexistência de múltiplas dimensões dentro das quais os indivíduos variam (Garmezy et al, 1984; Garmezy, 1985, cit. in Kaplan, 1999; Masten et al, 1993; Masten et al, 1994; Masten et al, 1999, cit. in Tarter & Vanyukov, 1999). No entanto, a vulnerabilidade (descrita como uma redução da flexibilidade ou do potencial de adaptação) e a resiliência surgem frequentemente como pólos opostos de um contínuo que reflecte a susceptibilidade a consequências adversas (Anthony, 1987; Rutter, 1990, cit. in Kaplan, 1999; Kaplan & Owens, 2004).

Os primeiros trabalhos baseados no conceito de resiliência surgiram nos países anglo-saxónicos e norte-americanos. No primeiro caso com Werner, Rutter, Garmezy, Fonagy,

Haggerty, Sherrod e colaboradores e no segundo com Cyrulnik, Guedeney, Manciaux e Lemay. O conceito emergiu definitivamente no início dos anos 80, contudo tem as suas raízes nos trabalhos de Bowlby sobre a vinculação e na epistemologia psicanalítica de Freud. Inicialmente, numa perspectiva de saúde pública, a preocupação maioritária incidia na descoberta da relação existente entre a infecção e as diferentes formas de doença bem como no impacto do trabalho infantil durante os estádios precoces de desenvolvimento. Assim, em meados do sec. XX, a investigação centrou-se essencialmente na análise dos factores impeditivos do normal desenvolvimento da criança tais como a privação materna (Bowlby, 1951, cit. in Kaplan & Owens, 2004). Como reflexo das mudanças históricas no paradigma da família e nas relações inerentes a esta, as ferramentas essenciais do desempenho da parentalidade tornaram-se cada vez menos um assunto restrito ao seio familiar e privado e cada vez mais uma preocupação objecto de interesse público. Neste contexto, entre as décadas de 40 e 90 corporalizaram-se estudos sobre os padrões de relação familiar e de educação dos filhos relacionando-se as experiências da infância com a saúde mental das crianças (Quinton, 1994, cit. in Kaplan & Owens, 2004), sobre os efeitos da vinculação e da relação de pares bem como sobre o temperamento da criança e os factores do meio em que esta está inserida. Foi nos anos 70 que surgiram os primeiros estudos sobre os acontecimentos de vida potencialmente negativos e marcantes para a criança sendo que a partir daqui a investigação se tornou cada vez mais modernizada evidenciando-se uma tentativa de identificar e perceber os factores de risco e de resiliência existentes na criança e resultantes das influências parentais. Desta forma, foram Garmezy e Rutter que lançaram as bases teóricas e os princípios metodológicos do estudo da resiliência, no entanto, é a Werner que é atribuído o principal papel na abordagem da resiliência através da investigação longitudinal que levou a cabo com as crianças kauai, permitindo realçar a dinâmica do processo resiliente, a sua evolução ao longo do desenvolvimento, a sua variabilidade no tempo em função dos sujeitos e do seu género. Paralelamente a isto, também outras investigações se foram desenvolvendo tendo por base as respostas adaptativas perante situações de stress acumulado. A resiliência tornou-se, a partir daqui, frequente objecto de investigação adquirindo algum protagonismo no campo da prevenção e tornando-se desde então, uma das mais importantes áreas de pesquisa da psicopatologia e psicologia do desenvolvimento (Kaplan & Owens, 2004; Cicchetti & Garmezy, 1993, cit. in Schmolke, 2005).

A par das variações do foco dos estudos sobre a resiliência, também a génese do conceito foi objecto de frequente transformação. Inicialmente definida de forma globalmente consensual como o processo ou a capacidade para atingir de forma optimista e perseverante

(Tavares, 2001, cit. in Polletto et al, 2004) resultados que espelham adaptação, consistência e sucesso apesar dos desafios ou das circunstâncias ameaçadoras (Masten et al, 1990, cit in. Glantz & Sloboda, 1999) que possam surgir na infância (Masten et al, 1999, cit. in Tarter & Vanyukov, 1999) ou ao longo de toda a vida do indivíduo. A resiliência designa, assim, a arte de se adaptar às situações adversas (condições biológicas e sociopsicológicas) de forma flexível desenvolvendo capacidades ligadas aos recursos internos (intrapsíquicos) e externos (ambiente social e afectivo), que permitem aliar uma construção psíquica adequada e uma correcta inserção social (Garmezy, 1994, cit. in Gonçalves, 2003; Kumpfer, 1999; Kaplan & Owens, 2004; Anaut, 2005). Segundo Cyrulnik, para que haja resiliência é necessário que tenha havido um confronto com um traumatismo ou com um contexto traumatogénico (Cyrulnik, 2001, cit. in Anaut, 2005), sendo que, quanto mais resistente às condições desfavoráveis e ao stress do meio for um indivíduo, mais activamente desenvolverá estratégias que o beneficiarão e que lhe permitirão ultrapassar tais situações. É portanto, um processo complexo que resulta da interacção entre o indivíduo e o seu meio (1999, cit. in Anaut, 2005) e que diz respeito não apenas ao indivíduo mas também ao grupo, familiar e comunitário (Anaut, 2005). Apesar de tudo, torna-se difícil precisar os contornos teóricos exactos do modelo da resiliência. Dada a vasta literatura que lhe é dedicada (Anaut, 2005) e dada a variabilidade de definições de resiliência existentes e a falta de consenso entre os investigadores neste domínio, muitos têm considerado este constructo polémico, amplo, dinâmico e ainda em fase de construção (Kim-Cohen et al, 2004, cit. in Poletto et al, 2004; Lighezzolo & Tichey, 2004). Assim, situada nesta encruzilhada de múltiplos parâmetros, a resiliência tem surgido diferentemente descrita como um traço de carácter ou uma característica de personalidade que revela uma capacidade, como um processo evolutivo, como o resultado de um processo ou de um percurso de vida ou ainda destas três formas inter-relacionadas (Lacomte, 2002, cit. in Lighezzolo & Tichey, 2004; Anaut, 2005) facto que torna a sua análise uma tarefa bastante complexa.

A resiliência descrita como um traço (característica intrínseca ao sujeito), associada à definição de Resiliência do Eu (*Ego-Resiliency*), seria constituída por quatro componentes principais: a capacidade de se sentir feliz atribuindo um sentido à vida; a capacidade de trabalhar de forma produtiva; a capacidade de possuir sentimentos de segurança pessoal associada a uma percepção realista e uma aceitação do Eu e dos outros; a capacidade de ter relações positivas com os outros (Klohn, 1996, cit. in Lighezzolo & Tichey, 2004). Neste contexto a resiliência surge também implicitamente ligada à noção de temperamento por sua vez, e de certa forma, associada a uma concepção organicista da personalidade que reduz a

vida psíquica a parâmetros comportamentais, biológicos ou genéticos (dado que o temperamento é a qualidade emocional ou comportamental distinta e relativamente estável que surge durante a infância e é influenciada por factores biológicos) (Bouvier, 2001, cit. in Lighezzolo & Tichey, 2004). Por forma a contornar tal limitação, os estudos levados a cabo por Bowlby permitiram associar a noção de temperamento à de desenvolvimento, de traços de personalidade, de disposições biológicas e de factores do meio, adquirindo assim a noção de resiliência uma maior complexidade (Lighezzolo & Tichey, 2004). Também neste sentido Vanistendael (2000, cit. in, Anaut, 2005) considera que a resiliência é sobretudo uma capacidade individual ou familiar, construída na interacção com o meio, mensurável e passível de ser estimulada pela acção educativa ou terapêutica pelo. No entanto, a abordagem actual da resiliência como traço de personalidade não trata de procurar a existência da resiliência como um traço de personalidade, mas de estudar um conjunto estável de características de personalidade passíveis de contribuir para a esta e de evidenciar um conjunto de traços susceptíveis de possuir um papel protector para o indivíduo (Anaut, 2005).

A condição resiliente pode também ser definida a partir da compreensão das consequências/resultados da exposição a factores de risco, isto é, da capacidade de resolução de problemas, de superação de adversidades e de adaptação ao contexto (Garmezy, 1996, cit in. Poletto et al, 2004). Segundo Masten (2001, cit. in Anaut, 2005) a resiliência refere-se a uma classe de fenómenos caracterizados pelos bons resultados apesar das ameaças graves à adaptação ou ao desenvolvimento. Os resultados variam consoante os graus de especificidade dos modelos da resiliência que podem valorizar especialmente as perturbações emocionais, os problemas de comportamento ou as disfunções físicas. No entanto, falar da resiliência como um resultado é reduzir o conceito conferindo-lhe um carácter fixo, como se o resultado de um funcionamento supusesse que o sujeito tivesse adquirido uma estrutura resiliente eterna. Por isso, esta concepção da resiliência como um resultado levanta diversos problemas no que concerne aos seus critérios de avaliação e de operacionalização uma vez que as definições não podem ser as mesmas para crianças, adolescentes e adultos nem as mesmas para o mesmo indivíduo ao longo do tempo, mas são antes passíveis de evolução, tal como o indivíduo, e são objecto da subjectividade do investigador. Torna-se então necessário analisar a multidimensionalidade e complexidade da resiliência tendo em conta que o indivíduo é susceptível de exprimir diferentes níveis de vulnerabilidade em diferentes contextos. Para além da idade do sujeito é necessário ter também em conta a natureza, impacto e evolução do traumatismo que este sofreu bem como diversos aspectos do meio e da realidade intrapsíquica (Tichey, 2001, cit. in Lighezzolo & Tichey, 2004). Assim, sendo frequentemente vista como

uma característica estável numa criança (Rauth, 1989, cit. in Kaplan, 1999), só pode ser encarada como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que acontecem em determinado período de tempo, associado a certas combinações benéficas de características do indivíduo, da sua família e meio social e cultural/organizacionais (Kaplan, 1999). No entanto, muitos negam a possibilidade de ser considerada deste forma, uma vez que não existe um padrão linear de desenvolvimento (Beauvais & Oetting, 1999; Tarter & Vanyukov, 1999) e que as circunstâncias de vida e a trajetória do indivíduo são continuamente modificadas, o mesmo podendo acontecer com a resiliência (Kaplan, 1999). Este tipo de definição implica assim um julgamento *a priori* sobre o valor de determinado resultado, visto como desejável ou indesejável/positivo ou negativo (saúde mental, competência, gratificação, etc, ou doença, comportamento desajustado, abuso de substâncias, psicopatologia, etc, respectivamente), dos riscos individuais e sociais e da possibilidade, ou não, de adaptações de sucesso (Rigsby, 1994, cit. in Kaplan, 1999). Dado que o sujeito está em desenvolvimento ao longo de toda a sua vida e inserido num meio variável, o funcionamento resiliente é também flutuante (Anaut, 2005).

Por fim, de forma mais consensualmente aceite pela comunidade científica, a resiliência passou a ser vista como um processo, tendo por base não só uma perspectiva psico-desenvolvimental mas também psicanalítica e integrativa, contribuindo para uma abordagem metapsicológica dos processos/organizadores psíquicos (Anaut, 2005). Assim, resiliência surge como resistência psíquica apesar da existência de acontecimentos de stress, adversidades, ambientes de alto risco e desafios em diferentes estádios do desenvolvimento humano (Schmolke, 2005). Neste sentido, para Luthar e colaboradores (2000, cit. in Anaut, 2005), a resiliência, ligada ao paradigma da psicologia do desenvolvimento, refere-se a um processo dinâmico (adaptativo) que compreende a adaptação positiva no quadro de uma adversidade significativa. Compreende as dimensões de ordem física, afectiva, cognitiva e social sendo o processo resiliente jamais adquirido de forma definitiva mas em função da evolução do sujeito ao longo do seu desenvolvimento. Neste sentido, a resiliência estaria submetida à temporalidade e flutuações da vida. Assim, segundo Manciaux e colaboradores (2001, cit. in Anaut, 2005) a resiliência jamais é absoluta, total, mas variável consoante as circunstância, a natureza dos traumatismos, os contextos e as fases da vida podendo exprimir-se de diversas formas consoante o contexto cultural.

O debate científico existente entre as diferentes formas de abordar a resiliência mantém-se aberto, no entanto, estas constituem-se como visões complementares de um mesmo fenómeno. A resiliência deve ser compreendida como um constructo

multidimensional (Fortin e Bigras, 2000, cit. in Anaut, 2005) dinâmico, temporal e abrangente, sempre em fase de construção e em articulação entre a realidade psíquica e do meio (Lighezzolo & Tichey, 2004), resultando de um equilíbrio entre factores de risco e de protecção.

A resiliência pode também ser descrita em termos de temporalidade como resiliência a curto prazo (o que corresponderia à resposta ao traumatismo) e resiliência a longo prazo (o próprio funcionamento resiliente). Por outro lado, Cyrulnik (2001, cit. in Anaut, 2005) descreve o funcionamento resiliente através de dois momentos sendo o primeiro o confronto com o traumatismo que se caracteriza essencialmente pela resistência à desorganização, e o segundo pela integração do choque traumático e a sua superação através de um processo de reconstrução e de reparação. Tal subentenderia uma construção psíquica sólida e flexível, que segundo Bacqué e colaboradores (2000, cit. in, Anaut, 2005), depende do narcisismo primário, de um investimento e de uma satisfação das necessidades do Ego. Desta forma, as bases da resiliência teriam uma construção precoce assente na necessidade de uma base de segurança. Alguns autores apontam também para uma resiliência conjectural (resulta do confronto com o traumatismo externo) e para uma resiliência estrutural (ligada aos sofrimentos mais comuns a toda a gente) pelo que a resiliência corresponderia a um processo normal de desenvolvimento dos seres humanos saudáveis podendo o mesmo indivíduo apresentar resiliência activa ou passiva em diferentes momentos da sua existência (Anaut, 2005).

O conceito de resiliência e as suas diferentes utilidades no campo da pesquisa tornou-se alvo de crítica nos últimos anos uma vez que esta variabilidade na sua definição tem levado a que vários investigadores questionem até que ponto o conceito de resiliência é útil denotando que as suas definições tendem muitas vezes a ser vagas (Kaplan, 1999; Beauvais & Oetting, 1999; Glantz & Sloboda, 1999). No entanto, a sua pertinência e actualidade mantêm-se, apesar de tudo, inabaláveis.

Factores de protecção e factores de risco

Rutter (2005, cit. in Schmolke, 2005) defende que cada indivíduo possui um conjunto de qualidades que lhe possibilitam lidar com situações de elevado risco modificando-as. No entanto, alguns indivíduos são física, psicológica e intelectualmente mais fortalecidos que outros (Bradley et al, 1994; Rutter, 1990, cit. in Anaut, 2005), isto é, os primeiros possuem

mais factores de protecção, o que lhes permite serem mais resilientes, o mesmo não acontecendo com os segundos (Kumpfer, 1999). Todavia, Kaplan (1999, cit. in Beauvais & Oetting, 1999) defende que a resiliência é frequentemente confundida com estes factores de protecção, sendo que a distinção entre ambos pode também ser bastante arbitrária. Os factores de protecção servem de escudo contra as experiências negativas actuando de diversas formas como mediadores, ligados às influências/causas, ou moderadores, ligados aos resultados/consequências, reduzindo o risco, reduzindo a cadeia de acontecimentos negativos que emergem como risco, promovendo a auto-estima e auto-eficácia, dando oportunidades e estabelecendo pontos de viragem quando existe um padrão de risco (Kaplan & Owens, 2004). Assim, este balanço entre os diferentes factores assume uma importância extrema no indivíduo sendo que é necessária uma maior quantidade de factores de protecção de forma a compensar os factores de risco (Sameroff & Chandler, 1975; Werner, 1989, cit. in Beauvais & Oetting, 1999; Rutter, 1993; Dunst, 1995). Assim, dada a sua importância, a atenção dada aos factores de protecção assumiu também progressivamente ao longo do tempo uma nova amplitude de pesquisa (Rutter, 2005, cit. in Schmolke, 2005).

Os factores de protecção surgem com vários significados na literatura sobre resiliência sendo vistos por uns como características individuais ou do meio, reflectindo a ausência de factores de risco, e por outros, de forma mais consensualmente aceite, como variáveis que mitigam o efeito dos factores de risco (Kaplan, 1999). Apesar das discrepâncias, certo é que os factores de protecção (internos ou externos) conduzem sempre a criança a atitudes pró-sociais e a uma maior resistência que lhe permitem uma aprendizagem positiva através das suas experiências (Poletto et al, 2004). Diferentes autores defendem também a existência de um grande número de factores de protecção diferentes que concorrem para a formação/manutenção da resiliência e que acabam por se entrecruzar e sobrepor ao longo da vasta literatura sobre a matéria. Alguns autores (Eckenrode & Gorre, 1996, cit. in Poletto et al, 2004) classificam os factores de protecção através de dois grupos, no entanto, a maioria da investigação sobre os factores de protecção mostram que a protecção não é uma característica inata e que resulta, por um lado de variáveis genéticas e constitucionais (associadas à maturação do SNC, linguagem, desenvolvimento psicomotor e capacidade cognitiva) e por outro, das disposições e características da personalidade/temperamento (Kaplan, 1999), dos suportes do meio (familiar e extrafamiliar) e sua disponibilidade e acessibilidade, da qualidade dos suportes locais e dos comportamentos do sujeito (Gonçalves, 2003; Anaut, 2005). Autores como Garmezy e Masten (1991, cit. in Anaut, 2000; Eckenrode & Gorre, 1996, cit. in Poletto et al, 2004; Gabarino, 1993, cit. in Gonçalves, 2003; Bouvier, 2001, Gotlieb,

1999, Cyrulnik, 1999, Rutter, 1995, Michaud, 1999, cit. in Lighezzolo & Tichey, 2004; Losel & Bender, 1999 cit. in Schmolke, 2005; Kumpfer & Hopkins, 1993, cit. in, Kaplan, 1999; Hawkins, Catalano & Miller, 1992, cit. in Beauvais & Oetting, 1999; Wilcox et al, 2004) defendem que a resiliência assenta em três pólos constituídos por diferentes factores de protecção: factores individuais (temperamento, género, idade, reflexão e capacidades cognitivas, sentimentos de auto-eficácia e auto-estima, competências sociais e relacionais, sentimentos de empatia, *locus* de controlo interno, humor, atractividade, consciência das relações pessoais, autonomia, criatividade, capacidade de insight, dinamismo, capacidades de planificação, capacidades de antecipação, capacidades de ajustamento, capacidades de adaptação, repertório de resolução de problemas, optimismo, responsabilidade, dinamismo, flexibilidade, motivação, etc), factores familiares (vinculação segura, clima educativo aberto, experiências significativas e estruturantes, forte sanção familiar, calor humano, coesão e atenção por parte dos prestadores de cuidado, harmonia parental, etc) e factores de suporte (experiências de êxito escolar, rede de apoio social, identificação cultural e religiosa, etc). No entanto, nem todos os sujeitos não dispõem dos mesmos factores de protecção. A resiliência depende de factores dinâmicos (Rutter e Werner, cit in. Schmolke, 2005) sendo que, o valor protector de uma característica é relativo uma vez que mesma característica, consoante os contextos, circunstâncias, idade do sujeito, grau de desenvolvimento e intensidade, pode tornar-se um factor de protecção ou um factor de risco. Assim, alterações em qualquer um destes domínios podem conduzir também a alterações na natureza da resiliência (Anaut, 2005), podendo um factor permanecer latente não tendo qualquer efeito na ausência de uma situação de stress (Rutter, 1987, cit. in Poletto et al, 2004). Assim, o potencial de protecção deve ser avaliado no balanceamento entre elementos internos e externos ao desenvolvimento, tendo em conta que protecção pode não significar necessariamente ausência de vulnerabilidade (Poletto et al, 2004).

A maioria da pesquisa em resiliência foca-se essencialmente no processo transaccional entre o indivíduo e o meio em detrimento dos factores internos da resiliência (Masten, 1994, cit in. Kumpfer, 1999), no entanto, esta deve ser sempre considerada em função de múltiplos e complexos factores (Rolf, 1999), tendo em conta que um factor de protecção pode não produzir resiliência (Beauvais & Oetting, 1999) e nenhuma destas características pode ser vista ou analisada isoladamente sob pena de introduzir uma concepção redutora, ou até mesmo uma certa “ditadura conceptual” (Tomkiewicz, 2001, cit. in Lighezzolo & Tichey, 2004) da invulnerabilidade, na vida psíquica e relacional do indivíduo.

Os factores de risco e de protecção possuem dupla natureza sendo que o pólo positivo pode, sob determinadas circunstâncias, contribuir para o desenvolvimento de patologia, e o pólo negativo ter uma função protectora (Schmolke, 2005). Os factores de risco e os factores de protecção possuem dupla natureza sendo pólos opostos dum mesmo contínuo (Gerstein & Green, 1993, Glantz & Pickens, 1992, Stouthamer-Loeber et al, 1993, cit. in Kaplan, 1999). Os factores de risco são atributos individuais, condições situacionais/acontecimentos ou contextos/meios de cariz negativo, pelo que não são, tal como os factores de protecção, livres de ambiguidade de definição (Richrdson et al, 1990, cit. in Kumpfer, 1999) e variam, tal como estes factores de protecção, de acordo com a cultura, localização geográfica, época e estádio de desenvolvimento do indivíduo (Kumpfer, 1999). Segundo Kumpfer (1999) é necessário atender a um conjunto alargado precauções, no que concerne à própria definição de risco, nomeadamente, procurando saber se a criança experiencia na actualidade os factores de risco (Plomin & Daniels, 1987; Werner & Smith, 1992; Radke-Yarrow & Brown, 1993, cit. in Kumpfer, 1999) atendendo ao seu género (Kaplan, 1999), ambiente afectivo em que se insere (Kaplan & Owens, 2004), percepção ou atribuição do risco ou de ameaça que ela faz (Gordon & Song, 1994, cit. in Kumpfer, 1999), intensidade com que foi afectada, balanceamento entre factores de risco e factores de protecção (Radke-Yarrow & Brown, 1993, cit. in Kumpfer, 1999) e factores de protecção e os factores de risco envolvidos (Richters & Martinez, 1993, cit. in Kumpfer, 1999).

O conceito de risco, de vulnerabilidade ou de propensão psicossocial, surgem muitas vezes na literatura sob a mesma forma conceptual, no entanto, a vulnerabilidade pode ser vista como o resultado de múltiplos factores centrados na criança ou sócio-ambientais (Anthony e Chiland, 1980, Garmezy et al., 1996 cit. in Anaut, 2005): factores genéticos; factores físicos (gravidez na adolescência, deficiência, sofrimento neonatal, patologia precoce, défices cognitivos, separações maternas precoces, abuso sexual, etc); factores familiares - separação ou divórcio parental, perda de um irmão, adopção, família monoparental, patologia física ou mental parental (Garmezy, 1985, Conrad & Hammen 1993, Radke-Yarrow & Brown, 1993, cit in. Kumpfer, 1999), estilo de vida, perda e luto, conflitualidade familiar, violência (Anaut, 2005), relações e vinculações inseguras, número elevado de elementos na família, criminalidade parental, dependência parental de álcool ou de drogas (Werner & Smith, 1989, 1992, Newcomb & Bentler, 1990, cit. in Kumpfer, 1999), etc ; factores do meio – desemprego, grupos de pares desviantes e com hábitos de abuso de substâncias, isolamento social, baixo estatuto sócio-económico, pobreza (Garmezy, 1991, cit in. Kumpfer, 1999), exposição a violência do meio (Luthar, 1999;Luthar et al, 1993; Richters & Martinez, 1993;

Wyman et al, 1993, cit in. Kumpfer, 1999; Anaut, 2005), mudanças frequentes de casa e escola, minorias étnicas, desastres naturais, divórcio dos progenitores (Wallerstein, 1983, cit. in Kumpfer, 1999). Estes factores que podem estar presentes na criança podendo combinar e influenciar de formas múltiplas (Rhodes & Brown, 1991, cit. in Kaplan, 1999; Rutter & Quinton, 1984, Era-Grant et al, 1989, cit. in Kaplan & Owens, 2004; Hawkins et al, 1992, cit. in Beauvais & Oetting, 1999; Garmezy, 1999 cit. in Rolf, 1999; Rolf et al , 1990, cit in. Kumpfer, 1999) . No entanto, é o conjunto de acontecimentos adversos sucessivos na vida de uma criança que podem produzir a sua vulnerabilidade específica ou geral aumentando a probabilidade desta apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (Poletto et al, 2004).

Para Werner (1987, cit. in Kaplan, 1999) apesar de as maiores fontes de stress surgirem durante a infância e adolescência, a maioria dos factores de risco surge no momento do nascimento (Kaplan & Owens, 2004; Cowan et al., 1996, cit. in Poletto et al, 2004; Garmezy, 1999 cit. in Rolf, 1999; Era-Grant et al, 1989, cit. in Kaplan & Owens, 2004). Muitas vezes é o conjunto dos riscos e não os factores de forma isolada que constituem a fonte de risco tendo em conta que alguns factores possuem uma natureza distal (não actuam directamente sobre a criança) ou proximal (possuem acção directa sobre a criança). No entanto, seria errado antecipar riscos e inadaptação apenas com base nos factores de risco uma vez que tanto os factores de risco como os de protecção raramente se apresentam isolados tecendo relações complexas (Werner, 1989, cit. in Anaut, 2005). Da mesma forma, deduzir que um indivíduo está em risco apenas porque pertence a um grupo de elevado risco é erróneo e precipitado pelo que, a identificação e estudo deste tipo de factores, segundo vários graus de especificidade, surge como procedimento primordial desempenhando também um importante papel no domínio da saúde pública, nomeadamente através da prevenção de doenças (Rutter, 1993, Turner, 1995, cit. in Kumpfer, 1999). Neste sentido, Lösel e Bender (1999) sugerem alguns critérios que podem contribuir para a pesquisa deste tipo de factores tais como a delimitação precisa do conceito de resiliência e do método de investigação e o reconhecimento da acumulação de factores, da ambiguidade de características, da relação destes com o contexto social, dos factores biológicos e da diferença de géneros (Schmolke, 2005).

Nem sempre é fácil determinar se um factor é de protecção ou de risco dado que, o mesmo factor pode contribuir para o risco ou para a protecção sendo necessário, por isso, abordar tais noções de forma prudente e interdisciplinar (Vanistendael, 1999, cit. in Anaut, 2005).

Modelos da resiliência

A resiliência, ou alguma forma de variação deste conceito, está presente mais ou menos explicitamente em quase todos os modelos do comportamento desde o biológico ao social, todavia, estes variam de acordo com os quadros conceptuais a que estão associados, com as propriedades formais do desenho da investigação e com a operacionalização dos constructos incidindo diferentemente sobre processos, factores ou resultados/consequências (Kaplan, 1999).

Greenbaum e Auerbach (1992, cit. in Kaplan, 1999) promovem o Modelo Tri-dimensional do Risco na base do qual colocaram as lacunas nas experiências precoces de aceitação e de estimulação que se podem constituir como factores de risco e como consequente vulnerabilidade para a criança. Segundo este modelo, a resiliência implica uma sequência em que os factores de protecção conduzem ao estabelecimento de outros factores de protecção e os factores de risco, consequentemente, conduzem também a outros factores de risco. Desta forma, a efectivação dos factores de protecção ou dos factores de risco surge em função do grau de vulnerabilidade da criança conduzindo a experiências de aceitação, a estimulação, a exposição limitada ao risco e ao aumento da resiliência. No entanto, vários autores apontam limitações a este modelo defendendo a existência da possibilidade de um indivíduo manifestar resiliência a nível individual enquanto que, do ponto de vista social, tal manifestação pode ser entendida como vulnerabilidade, atendendo a que também o conceito de vulnerabilidade varia de cultura para cultura (Kaplan, 1999).

Jessor et al (1991, cit. in, Kaplan, 1999) sustentam, através da Teoria da Resolução de Problemas (*Problem-Behavior Theory*) que a resiliência tem apenas sentido quando relacionada com resultados que são mais ou menos desejáveis. Neste sentido, os resultados seriam definidos em termos de julgamentos normativos tendo em conta as respostas comportamentais adequadas de acordo com a cultura, circunstâncias do meio, estágio de desenvolvimento e nível de protecção ou de risco que a criança possui (Jessor e colegas, 1991, cit. in Kaplan, 1999). No entanto, também vários autores se insurgem contra esta teoria defendendo que o primeiro obstáculo surge pela dificuldade da própria definição de resultado de sucesso (Kumpfer, 1999) passível de produzir um hiato intransponível dado que quando as respostas comportamentais esperadas não acontecem o indivíduo é julgado em termos psicopatológicos ou de desviância e quando o indivíduo atinge o que é esperado em termos desenvolvimentais é considerado resiliente, heróico ou extraordinário (Werner, 1993, cit. in Kaplan, 1999).

Segundo Sameroff (1987, cit. in Kaplan, 1999), são necessários modelos que englobem a complexidade dos processos de desenvolvimento e a interação entre factores de risco e de protecção. Neste sentido, Richardson et al (1990, cit. in Kumpfer, 1999) criaram o Modelo do Processo da Resiliência com o intuito de melhor compreenderem este conceito. Neste modelo defendem que um acontecimento de stress ou um desafio não mediado pelos factores de protecção pode levar a alterações na homeostase do funcionamento do indivíduo ou mesmo a disrupções ao longo do tempo resultando daqui ou a desorganização do indivíduo, ou a reintegração, ou o reequilíbrio. Assim, a reintegração da resiliência processar-se-ia através de diferentes níveis: nível inferior de reintegração e reintegração disfuncional/reintegração adaptativa (Kumpfer, 1999). Neste modelo a vulnerabilidade e o stress desempenham um importante papel uma vez que este último pode precipitar o surgimento de psicopatologia constituindo-se ele próprio como factor de vulnerabilidade, no entanto, a presença de vulnerabilidade não é, por si só, condição suficiente para o surgimento de psicopatologia (Kaplan, 1999). De forma análoga, também Luthar (1991, cit. in Kaplan, 1989), tal como outros autores, descreve um modelo em que o impacto dos acontecimentos negativos na competência social do indivíduo é moderado por um conjunto de variáveis que compensam os factores de risco e a sua vulnerabilidade.

Segundo Bronfenbrenner (1996, cit. in Anaut, 2005) o modelo ecológico ou ecossistémico, centrado nos aspectos sócio-ambientais do desenvolvimento humano, ajuda também a explicar alguns comportamentos disfuncionais e inaptações nas famílias e a natureza das inter-relações entre o indivíduo e o meio partindo das noções de risco e protecção.

Segundo o modelo psicanalítico, a resiliência pressupõe, simultaneamente, o recurso a mecanismos de defesa adaptados e a um trabalho de atribuição de sentido (mentalização) (De Tychey, 2001, cit. in Anaut, 2005). A teoria freudiana considera que a essência de uma situação traumática relaciona-se com uma perturbação experimentada pelo Ego perante a acumulação/excesso de excitação, pela destruição do sistema de pára-excitação ou pela prevalência dos fantasmas que ameaçam a integridade do Ego (Anaut, 2005). Tudo se inicia com um acontecimento ou situação patogénica que provoca uma perturbação no sujeito podendo traduzir-se em disfuncionamento do Ego (responsável pelo desencadear de estratégias defensivas perante uma ruptura emocional), uma vez que o trauma despoleta um conflito nesta instância. O traumatismo, considerado o agente da resiliência, acontecerá não através de um acontecimento, mas quando o excesso de excitação ultrapassar as capacidades do aparelho psíquico para estabelecer ligações representativas e de pensamento. O

traumatismo e a resiliência dependerão da capacidade do indivíduo para realizar essas ligações que permitirão ultrapassar o conflito psíquico. Assim, é através da retenção da crise psíquica e da descoberta de uma saída socializadora, em suma, do processo de negociação do risco, que surge o processo resiliente. É a plasticidade e o conjunto de mecanismos (recurso ao imaginário, humor, clivagem, recusa e intelectualização) que compõem a muralha defensiva do sujeito que permitem regular a tensão interna, que permitem avaliar a capacidade de um indivíduo enfrentar as dificuldades e que constituem os dispositivos defensivos intrapsíquicos susceptíveis de favorecer a resiliência (Tychey, 2001, cit. in Anaut, 2005; Tisseron, 2007).

A multiplicidade de modelos da resiliência existentes permite-nos estabelecer comparações e conhecer, simultaneamente, as potencialidades e as limitações de cada um deles (Garmezy, 1990, cit. in Kaplan, 1999), não obstante o facto de nenhum, isoladamente, ser suficiente para explicar o desenvolvimento das crianças em risco. Assim, Kumpfer (1999, cit. in Johnson, 1999), à semelhança de outros autores (Rutter, 1993, Wolin & Wolin, 1993 e Masten et al, 1994, cit. in Johnson, 1999), privilegia a utilização de modelos transaccionais que reflectam a influência recíproca entre o indivíduo e o meio em detrimento dos modelos lineares simples (Bronfenbrenner, 1986, Sameroff & Shandler, 1975, cit. in. Kumpfer, 1999). Desta forma, a resiliência deve ser entendida como um equilíbrio transaccional entre os factores de risco e de protecção existentes no meio e disponíveis através das características pessoais do indivíduo.

Importância/Influência da resiliência no processo de desenvolvimento

O estudo do impacto da resiliência no desenvolvimento humano, tem vindo a adquirir uma ênfase crescente em psicologia do desenvolvimento (Poletto et al, 2004). A maioria da investigação neste campo suporta a ideia de que acumular experiências negativas no decurso do crescimento tem um forte impacto desenvolvimental (Era-Grant et al, 1989, cit in Kaplan & Owens, 2004). Quanto mais jovem é a criança, maior a plasticidade do seu cérebro e maior a sua sensibilidade aos estímulos do meio provocando alterações ao nível do funcionamento cerebral podendo, de acordo com a idade da criança, inscrever-se de forma duradoura no funcionamento cerebral e provocar alterações de comportamento permanentes (Perry et al, 1995, cit in. Gonçalves, 2003; Masten & Obradovic, 2006), mesmo que nos estádios mais

precoces do seu desenvolvimento possam parecer invulneráveis (Anthony, 1974, cit. in Glantz & Sloboda, 1999).

Segundo Lévy-Schiff & Rosenthal (1993, cit. in Gonçalves, 2003) o desenvolvimento psico-afectivo da criança pode ser afectado pelo impacto dos traumatismos em três níveis diferentes: quando o impacto do traumatismo é directo, isto é, quando a barreira de protecção é destruída de forma abrupta, quando os mecanismos de adaptação/resiliência persistem devido à existência de estratégias individuais de gestão do stress e quando existem consequências sobre o desenvolvimento e sobre as relações. Já O’Leary e Ickovics (1995, cit. in Carver, 2005) defendem que perante uma adversidade é possível continuar a sucumbir ao efeito seu inicial, sobreviver parcialmente mas de forma enfraquecida, retomar o nível inicial em que se encontrava anteriormente à adversidade, ou, ultrapassar completamente a adversidade de forma positiva. Assim, os traumatismos não devem ser encarados como desastres irremediáveis, podendo até servir como bases para o consolidar das relações (Kaplan & Owens, 2004) minimizando os efeitos desfavoráveis da adversidade e maximizando as ferramentas que permitem ultrapassá-la (Moraes & Rabinovich, 1996; Carpena, 1999; De Antoni & Koller, 2000, cit. in Poletto et al, 2004). Por vezes aquilo que é identificado como sendo uma patologia é apenas uma manifestação de resiliência que permite ao sujeito adaptar-se a situações difíceis e preservar a sua organização psíquica (Anaut, 2005). Desta forma, e tal como defende Bowlby (1988, cit. in Gonçalves, 2003), o grau de resiliência de uma criança aos acontecimentos que provocam stress é determinado de forma muito significativa pelo modelo relacional que é desenvolvido durante os seus primeiros anos de vida e pelo estilo de interacção parental (Ainsworth, 1978, cit. in Kaplan & Owens, 2004). A qualidade da vinculação influencia a adaptação social, a regulação dos afectos, as competências cognitivas e o desenvolvimento do self, componentes importantes da resiliência (Fonagy et al, 1991, cit. in Gonçalves, 2003). Os «objectos-recurso» são importantes para sustentar as zonas psíquicas de fixação e para suportar e compensar défices do meio (Lemay, 1999 cit. in Anaut, 2005). Por isso, a resiliência não é um factor inato ou estático, mas sim evolutivo e interactivo (Gonçalves, 2003) modificando-se ao longo do tempo, circunstância e contexto (Johnson, 1999; Carver, 2005; Kumpfer, 1999). A resiliência é, assim, uma negociação permanente entre o indivíduo e a sua própria existência (Johnson, 1999), uma forma de garantir a qualidade de vida, o desenvolvimento sustentável e de assegurar a condições adequadas de sobrevivência do ser humano.

Método

Delineamento

O desenho da presente investigação pode ser definido como descritivo e comparativo. Pretenderam-se comparar os diferentes níveis de resiliência em escuteiros com e sem irmãos e pertencentes a uma amostra de alguns agrupamentos da região centro de Portugal. Paralelamente, tentaram encontrar-se correlações entre os níveis de resiliência para os mesmos adolescentes com e sem irmãos atendendo ao facto de os seus pais e mães terem ou não também irmãos.

Participantes

Os participantes constituíram uma amostra por conveniência com 102 escuteiros pertencentes a sete agrupamentos do Corpo Nacional de Escutas da região centro do país. Enquadrados em diversos estratos sócio-económicos, 51% eram do sexo masculino (N= 52) e 49% eram do sexo feminino (N= 50) (ver Output 1). As suas idades estavam compreendidas entre os 12 e os 17 anos com maior predominância de jovens com 12 anos (N=38; 37,3%) (ver Output 2). A maioria dos participantes (52,9%; N= 54) tinham irmãos (ver Output 3), destes 35,3% (N=36) tinham um irmão (ver Output 4) e 28,4% (N= 29) eram os primeiros elementos da fratria (ver Output 5). No que concerne às mães dos participantes, 77,5% (N= 79) tinham irmãos (ver Output 6) sendo que destes a maioria (34,3%; N= 35) (ver Output 7) tinham apenas um irmão e 32,4% (N= 33) eram os primeiros elementos da fratria (ver Tabela 8). Já 88,2% (N= 90) dos pais dos participantes tinham irmãos (ver Output 9) sendo que destes 47,1% (N= 48) tinham um irmão (ver Output 10) e a maioria deles (40,2%; N= 41) eram os segundos elementos da fratria (ver Output 11).

Procedimento

A permissão para a investigação foi inicialmente requerida através de contacto telefónico, e posteriormente através de formalização por escrito, ao Corpo Nacional de Escutas - Junta Regional de Portalegre e Castelo Branco. Posteriormente requereu-se a autorização por escrito a cada Chefe de Agrupamento e aos respectivos Chefes de Secção de cada agrupamento. Seleccionaram-se nestes agrupamentos as II, III e IV secções cujos elementos se enquadravam dentro dos limites etários estabelecidos previamente para esta investigação. A todos os potenciais participantes foi entregue pessoalmente uma autorização por escrito a ser assinada pelos encarregados de educação e que os esclarecia acerca do objectivo e confidencialidade do estudo. Apenas os sujeitos que receberam consentimento parental participaram na investigação. Os questionários foram então aplicados atendendo, mais uma vez, à explicitação detalhada do objectivo, à natureza da investigação e à confidencialidade dos dados. Foi também salientada a possibilidade de abandonar a investigação a qualquer momento se desejado, bem como os riscos envolvidos na participação. Tentaram-se assegurar as condições de standardização embora o facto de cada agrupamento estar sedado em locais diferentes tenha obrigado a que os participantes de cada agrupamento respondessem aos questionários também em locais diferentes podendo tal facto introduzir alguma variabilidade de respostas.

Instrumentos

Ao analisar a vasta literatura existente sobre resiliência constatámos a escassez de instrumentos de avaliação deste conceito, sobretudo para a população portuguesa. Dadas as qualidades psicométricas e a sua adequação aos propósitos da presente investigação optou-se por realizar a avaliação através da Escala de Avaliação do Eu Resiliente (EAER; Jardim & Pereira, 2006) e da Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR; Jardim & Pereira, 2006), ambas anónimas e de auto-resposta. Para avaliar o nível de vinculação pelas mesmas razões se optou pela Escala de Avaliação da Vinculação em Adolescentes (*Adolescent Attachment Questionnaire*; Ribeiro & Sousa, 2002), também anónima e de auto-resposta. Adicionalmente foi também construído um questionário demográfico composto por 11 itens representando variáveis pertinentes para a investigação. O item 1 e 2 serviram o propósito de

conhecer o grupo etário do sujeito, num intervalo entre os 12 e os 17 anos de idade bem como o seu género. O item 3 questionava acerca da existência ou inexistência de irmãos, acedendo-se ao seu número e lugar do sujeito na fratria, no caso de existirem irmãos, através dos itens 4a e 4b respectivamente. Os itens 5 e 6 permitiram dar conhecer a existência ou inexistência de irmãos da mãe e do pai do sujeito. O número de irmãos da mãe e do pai do sujeito e correspondentes posicionamentos de ambos na fratria foram acedidos através dos itens P5a, P6a e P5b e P6b respectivamente.

A Escala de Avaliação Global da Resiliência (Jardim & Pereira, 2006), avalia a competência na área da resiliência fornecendo dados sobre a capacidade actual do sujeito para lidar com as adversidades, crises e dificuldades. É composta por 8 afirmações cuja resposta é dada segundo uma escala de tipo *Lickert* entre «Nunca» e «Quase sempre». O item 1 pretende averiguar se perante as adversidades da vida o sujeito continua a lutar até alcançar os seus objectivos. Com o item 2 é possível perceber se o sujeito mantém a sua tranquilidade mesmo em situações consideradas stressantes. A confiança que o sujeito tem nas suas capacidades para resolver problemas é obtida através do item 3 e o item 4 permite perceber se o sujeito tem conseguido superar as adversidades que a vida lhe tem colocado. A capacidade para minimizar os efeitos negativos das adversidades é obtida através da resposta ao item 5. Já a capacidade para assumir problemas dando-lhes uma justificada importância obtém-se através do item 6. Por fim, aceitar com serenidade o facto de uma situação não ser passível de ser mudada e considerar os novos desafios como oportunidades para amadurecer obtém-se através da resposta aos itens 7 e 8, respectivamente.

A Escala de Avaliação do Eu Resiliente (Jardim & Pereira, 2006), baseada na proposta de Grotberg (2003), permite aceder ao nível de resiliência através de catorze itens englobados em quatro dimensões distintas: «O que eu tenho», «O que eu sou», «O que eu estou» e «O que eu posso». As respostas à escala são dadas igualmente segundo uma escala tipo *Lickert* entre «Nunca» e «Quase sempre». A primeira dimensão é composta por quatro afirmações que permitem analisar os factores de suporte externo do sujeito. A dimensão «O que eu sou», constituída por 3 itens permite aceder às forças pessoais internas, nomeadamente, permite saber se o sujeito se sente uma pessoa estimada pelos outros, se fica feliz quando faz algo pelos outros e lhes demonstra afecto e se é respeitador de si mesmo e dos outros. A terceira dimensão é composta apenas por dois itens permitindo aceder ao que o indivíduo está disposto a fazer, nomeadamente, a responsabilizar-se sobre os seus actos e a ter confiança que tudo correrá bem. A quarta e última dimensão relaciona-se com as habilidades sociais que o

sujeito possui falando sobre as coisas que o preocupam ou inquietam, procurando o modo de resolver os seus problemas, controlando-se quando tem vontade de fazer algo nocivo ou perigoso e procurando alguém que o ajude quando necessita.

Resultados

Com o intuito de conhecer os tipos de respostas para cada um dos grupos estudados, com e sem irmãos, utilizaram-se procedimentos estatísticos através dos quais foi possível perceber que, relativamente à Escala de Avaliação Global da Resiliência, tanto os sujeitos com irmãos (ver Outputs 12-19) como os sujeitos sem irmãos (ver Outputs 34-41) responderam predominantemente «Frequentemente» à maioria dos itens nunca tendo utilizado o «Raramente» ou «Nunca» como forma predominante de resposta^{1 2}. No entanto, apesar das pequenas diferenças encontradas, foram os sujeitos com irmãos que utilizaram mais vezes os níveis mais elevados de resposta («Frequentemente» e «Quase sempre»). Tal facto indicou-nos que a amostra estudada possuía características semelhantes no que concerne aos níveis de resiliência assumindo estes um destaque especial por serem elevados.

Na Escala de Avaliação do Eu Resiliente os sujeitos com irmãos responderam predominantemente «Quase sempre» à maioria dos itens da escala³. Às dimensões «Eu tenho» (remete para o suporte externo), «Eu sou» (remete para as forças pessoais internas) e «Eu posso» (remete para as habilidades sociais) responderam maioritariamente «Quase sempre» e na dimensão «Eu estou» (remete para aquilo que a pessoa está disposta a fazer) responderam

¹ Para esta escala os sujeitos com irmãos responderam «Quase sempre» de forma preponderante em dois dos oito itens da escala, «Frequentemente» em cinco itens e «Algumas vezes» apenas a um dos itens. Os sujeitos sem irmãos, para a mesma escala, responderam predominantemente «Frequentemente» em três itens, «Quase sempre» em dois itens e «Algumas vezes» em três itens.

² Ambos os grupos de adolescentes responderam predominantemente «Frequentemente» aos itens “Tenho total confiança nas minhas capacidades para resolver os meus problemas”, “Tenho conseguido superar as adversidades que a vida me tem colocado” e “Consigno minimizar os efeitos negativos das adversidades” e «Quase sempre» aos itens “Perante as adversidades da vida, continuo a lutar até atingir os meus objectivos” e “Quando a vida me coloca novos desafios, considerando-os oportunidades para amadurecer”. Responderam também «Algumas vezes» ao item “Mesmo em situações stressantes, mantenho a tranquilidade”.

³ Estes sujeitos responderam «Quase sempre» em dez dos catorze itens da escala e «Frequentemente» em quatro itens.

igualmente «Frequentemente» e «Quase sempre». Não obstante, verificámos que nunca responderam de forma predominante «Nunca», «Raramente» ou «Algumas vezes» em nenhum dos itens da escala (ver Outputs 20-33). Os sujeitos sem irmãos responderam na mesma escala também predominantemente «Quase sempre» à maioria dos itens ⁴. No entanto, foi nas dimensões «Eu tenho» e «Eu estou» que utilizaram o nível mais elevado de resposta e nas dimensões «Eu sou» e «Eu posso» que responderam maioritariamente «Frequentemente»⁵, não se tendo registado, mais uma vez, repostas «Nunca», «Raramente» e «Algumas vezes» de forma predominante (ver Outputs 42-55). Assim, nesta escala foi possível confirmar os resultados obtidos na Escala de Avaliação Global da Resiliência, já descritos anteriormente. Em suma, reforçou-se a ideia de que a amostra estudada possuía níveis de resiliência de destaque, embora similares. Assim, os sujeitos com irmãos utilizaram mais vezes o nível mais elevado de resposta, fazendo-nos supor inicialmente que seriam estes que possuiriam níveis mais elevados de resiliência uma vez que os sujeitos sem irmãos utilizaram mais vezes o nível «Frequentemente» como resposta aos itens das escalas.

Através de recurso ao coeficiente de correlação de Pearson tentou-se então perceber se existia alguma relação significativa entre as respostas dadas pelos jovens com e sem irmãos nos diferentes itens nas duas escalas. Por questões práticas optámos por dar relevância apenas a correlações significativas de intensidade moderada a forte por serem essas que assumem importância para o presente estudo. Assim, para os jovens com irmãos na Escala de Avaliação Global da Resiliência encontraram-se duas correlações significativas entre itens (ver Outputs 56 e 57) e para o mesmo grupo, na Escala de Avaliação do Eu Resiliente, encontraram-se também duas correlações negativas significativas (ver Outputs 58 e 59). Evidenciou-se ainda a existência de uma correlação significativa entre os totais das respostas dadas à Escala de Avaliação Global da Resiliência e à Escala de Avaliação do Eu Resiliente, $p(54)=0,648$, $p<0,05$ (ver Output 60). Recorrendo ao mesmo coeficiente de correlação foi possível perceber

⁴ Os adolescentes deste grupo responderam maioritariamente «Quase sempre» em oito dos catorze itens, «Frequentemente» em cinco itens da escala e simultaneamente «Quase sempre» e «Frequentemente» apenas num item.

⁵ Ambos os grupos responderam, predominantemente «Quase sempre» aos itens “Eu tenho pessoas que me estipulam limites para que eu aprenda a evitar os perigos e problemas”, “Eu tenho pessoas que querem que eu aprenda a desenvolver-me sozinho”, “Eu tenho pessoas que cuidam de mim quando estou doente, em perigo ou quando preciso aprender alguma coisa”, “Eu estou disposto a responsabilizar-me pelos meus actos”, “Eu posso controlar-me quando tenho vontade de fazer algo perigoso ou nocivo” e “Eu posso procurar alguém que me ajuda quando eu necessito”. Responderam também «Frequentemente» aos itens “Eu sou uma pessoa amada e estimada pelos outros” e “Eu posso falar sobre as coisas que me preocupam ou inquietam”.

que, para a Escala de Avaliação do Eu Resiliente, existe uma correlação significativa entre os totais das repostas dadas à dimensão «Eu sou» e «Eu posso», $p(54)=0,609$, $p<0,05$ (ver Outputs 61). Por outro lado, ao analisar estatisticamente os resultados obtidos nas repostas à Escala de Avaliação Global da Resiliência para os jovens sem irmãos encontraram-se correlações significativas entre quatro itens (ver Outputs 62 e 63). Para o mesmo grupo de adolescentes na Escala de Avaliação do Eu Resiliente encontraram-se nove correlações significativas entre itens (ver Outputs 64-72). Evidenciou-se também a existência de uma correlação significativa entre os totais das repostas dadas à Escala de Avaliação Global da Resiliência e à Escala de Avaliação do Eu Resiliente, $p(48)=0,669$, $p<0,05$ (ver Output 73). Para a Escala de Avaliação do Eu Resiliente, verificou-se também a existência de uma correlação significativa entre os totais das repostas dadas à dimensão «Eu tenho» e «Eu sou», $p(48)=0,596$, $p<0,05$ (ver Output 74). Assim, tais conclusões levaram-nos a perceber que foi o grupo constituído por adolescentes sem irmãos que registou maior número de correlações, em conjunto, entre as repostas aos itens dentro de cada uma das escalas, comparativamente ao grupo de adolescentes com irmãos.

Para averiguar a existência de diferenças significativas entre as repostas dadas às duas escalas pelos jovens adolescente pertencentes aos dois grupos recorreu-se ao teste à normalidade Kolmogorov-Smirnov tendo sido possível perceber através da estatística de teste que nenhum dos somatórios das escalas da resiliência possuía uma distribuição normal (ver Outputs 75). Desta forma, foi necessário recorrer à alternativa não paramétrica através do teste Wilcoxon-Mann-Withney (ver Output 76) que permite comparar duas populações a partir de amostras independentes quando as variáveis em estudo não possuem uma distribuição normal ou são de natureza ordinal (Maroco & Bispo, 2005). Foi então possível observar pequenas diferenças entre os somatórios das repostas dadas à Escala de Avaliação Global da Resiliência, no entanto, as diferenças entre os totais dos somatórios dos itens das duas escalas e das dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente sugerem que estas não são suficientemente evidentes para poderem ser assumidas como significativas (para $p<0,05$) (ver Outputs 77 e 78). Assim, apesar de os adolescentes com irmãos utilizarem mais vezes o nível mais elevado de resposta aos itens, comparativamente aos adolescente sem irmãos, foi possível concluir que não existiam diferenças significativas nos níveis de resiliência para os sujeitos, com e sem irmãos. Assim, tais valores indicaram que a amostra estudada possuía uma relativa homogeneidade neste ponto.

Perante os resultados atrás descritos, tentou encontrar-se também algum tipo de ligação no que concerne aos somatórios das respostas dadas aos itens das escalas, isto é, aos níveis de resiliência, entre os adolescentes com e sem irmãos atendendo ao facto de os seus pais e mães possuírem também, ou não, irmãos. Dividiram-se então os adolescentes em oito grupos distintos: adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos, adolescentes com irmãos cuja mãe tem também irmãos, adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos, adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos, adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos, adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos, adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos e adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos. Mais uma vez, e recorrendo ao coeficiente de correlação de Pearson, foi dada relevância apenas a correlações significativas de intensidade moderada a forte.

Na Escala de Avaliação Global da Resiliência, a maioria dos adolescentes pertencentes ao primeiro grupo utilizou o «Quase sempre» como nível de resposta predominante na maioria dos itens ⁶, nunca tendo respondido «Nunca» ou «Raramente» de forma preponderante. Foi assim também possível detectar, para esta escala, a existência de uma correlação significativa entre dois itens (ver Output 79). Para a Escala de Avaliação do Eu Resiliente a maioria dos adolescentes respondeu «Quase sempre» de forma dominante à maioria dos itens ⁷, nunca tendo respondido de forma preponderante «Nunca», «Raramente» ou «Algumas vezes». Assim, foi na dimensão “Eu sou”, “Eu estou” e “Eu posso” que os adolescentes responderam maioritariamente com o nível mais elevado de resposta. Tais resultados indicam que os adolescentes deste grupo possuem, ou pelo menos valorizam, as suas forças pessoais internas e as suas habilidades sociais e que estão dispostos a agir perante as adversidades da vida. Foi também possível concluir a existência de três correlações significativas entre itens nesta escala (ver Outputs 80 e 81). Contudo, não se tendo descoberto, correlações significativas entre os resultados das escalas de Avaliação Global da Resiliência e de Avaliação do Eu Resiliente (ver Output 82), nem entre as dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente (ver Output 83).

⁶ Estes adolescentes utilizaram o «Quase sempre» como nível de resposta predominante em três dos oito itens da escala, «Frequentemente» em dois itens, «Frequentemente» e «Quase sempre» também em dois itens, «Frequentemente» e «Algumas vezes» em um item.

⁷ A maioria dos adolescentes respondeu nesta escala «Quase sempre» em seis dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em cinco itens, «Frequentemente» e «Quase sempre» em três itens.

Relativamente ao grupo dos adolescentes com irmãos cuja mãe tem também irmãos e no que concerne à Escala de Avaliação Global da Resiliência, a maioria dos adolescentes utilizou o «Frequentemente» como nível de resposta preferencial predominante ⁸. Não se registaram respostas «Nunca» ou «Raramente» de forma preponderante tendo-se descoberto duas correlações positivas significativas entre itens (ver Outputs 84 e 85). Para a Escala de Avaliação do Eu Resiliente a maioria dos adolescentes utilizou predominantemente o nível mais elevado de resposta ⁹, nunca tendo respondido de forma preponderante «Nunca», «Raramente» ou «Algumas vezes». Tais resultados indicaram que, à semelhança dos grupos estudados anteriormente também este grupo possuía um nível elevado de resiliência. No entanto, foi na dimensão “Eu tenho” e “Eu posso” que os sujeitos responderam, de forma dominante, aos itens com o nível mais elevado de resposta revelando assim que estes adolescentes possuíam ou valorizavam o seu suporte externo e as suas habilidades sociais. Nesta escala descobriu-se apenas uma correlação significativa entre (ver Output 86) itens tendo-se encontrando também correlações positivas significativas entre os resultados das escalas de Avaliação Global da Resiliência e de Avaliação do Eu Resiliente, $p(49)=0,644, p<0,05$ (ver Output 87), e entre as dimensões «Eu sou» e «Eu posso», $p(49)=0,632, p<0,05$, da Escala de Avaliação do Eu Resiliente (ver Output 88), indicando que quando as respostas a uma destas dimensões variam, também as respostas à outra dimensão variam.

No que concerne ao grupo dos adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos, na Escala de Avaliação Global da Resiliência, a maioria dos sujeitos utilizou o «Quase sempre» como nível de resposta predominante ¹⁰, nunca tendo respondido «Nunca» ou «Raramente» de forma preponderante. Também relativamente a esta escala para este grupo se encontrou apenas uma correlação significativa (ver Output 89). À Escala de Avaliação do Eu Resiliente a maioria dos adolescentes respondeu «Quase sempre» maioritariamente ¹¹,

⁸ Nesta escala os adolescentes deste grupo utilizaram predominantemente o «Quase sempre» em um dos oito itens da escala, «Frequentemente» em quatro itens, «Algumas vezes» em três itens.

⁹ Para esta escala, os adolescentes deste grupo responderam «Quase sempre» em nove dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em quatro itens, «Frequentemente» e «Quase sempre» em um item

¹⁰ Para esta escala os adolescentes deste grupo utilizaram o «Quase sempre» como nível de resposta predominante em dois dos oito itens da escala, «Frequentemente» em dois itens, «Algumas vezes» em quatro itens.

¹¹ Para esta escala os adolescentes utilizaram o «Quase sempre» como nível de resposta preferencial em nove dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em dois itens, «Frequentemente» e «Quase sempre» também em dois itens, «Algumas vezes» em um item.

nunca tendo respondido de forma dominante «Nunca» ou «Raramente». Todavia, destacaram-se as dimensões “Eu tenho”, “Eu sou” e “Eu estou” que os adolescentes responderam, na maioria dos casos, com o nível mais elevado de resposta, indicando que estes adolescentes possuem/valorizam o suporte externo e as suas forças pessoais internas e estão dispostos a agir no sentido de contornar os obstáculos que surjam na sua vida. Para esta escala encontraram-se também nove correlações positivas entre itens (ver Outputs 90-98) e três correlações negativas entre itens (ver Outputs 99-101) . Por outro lado, não se encontraram correlações significativas entre os resultados das escalas de Avaliação Global da Resiliência e de Avaliação do Eu Resiliente (ver Output 102), indicando que os seus resultados variam de forma independente uma da outra. No entanto, descobriram-se correlações entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu posso», $p(18)=0,584, p<0,05$ da segunda escala (ver Output 103) o que revela que quando os resultados de uma escala variam também os resultados da outra variam.

O grupo constituído por adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos utilizou, na Escala de Avaliação Global da Resiliência, o «Frequentemente» como nível de resposta predominante ¹², nunca tendo respondido «Nunca» ou «Raramente» de forma preponderante. Assim, os adolescentes pertencentes a este grupo revelaram, nesta escala, níveis inferiores de resiliência comparativamente aos grupos até aqui estudados. Para esta escala encontraram-se ainda cinco correlações significativas entre itens (ver Outputs 104-108). Relativamente à Escala de Avaliação do Eu Resiliente, a maioria dos adolescentes utilizou predominantemente o nível mais elevado de resposta aos itens ¹³, nunca tendo respondido de forma dominante «Nunca» ou «Raramente». Desta forma, foi às dimensões “Eu tenho” e “Eu estou” que os adolescentes responderam predominantemente com os níveis mais elevados de resposta, revelando que possuem um suporte externo consistente e estão dispostos a actuar em situações desafiantes da sua vida (ver Outputs 109-126). Também para esta escala e para este grupo se encontraram dezoito correlações significativas entre itens. Para a Escala de Avaliação Global da Resiliência e a Escala de Avaliação do Eu Resiliente descobriram-se também correlações significativas, $p(30)=0,813, p<0,05$, revelando que quando os resultados de uma escala variam

¹² Para esta escala os adolescentes deste grupo utilizaram o «Frequentemente» como nível de resposta preferencial em seis dos oito itens da escala, «Algumas vezes» em um item, «Frequentemente» e «Quase sempre» em um item.

¹³ Nesta escala os adolescentes utilizaram o «Quase sempre» como resposta preferencial em seis dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em oito itens, «Algumas vezes» em um item.

o mesmo acontece com os resultados da outra (ver Output 127). Também entre os resultados das dimensões «Eu tenho» e «Eu sou», $p(30)=0,663, p<0,05$, da Escala de Avaliação do Eu Resiliente se encontraram correlações significativas (ver Output 128) revelando, mais uma vez que, quando os resultados obtidos numa dimensão variam, os resultados da outra dimensão variam também.

Na Escala de Avaliação Global da Resiliência os adolescentes pertencentes ao grupo de adolescente com irmãos cujo pai não tem irmãos responderam de forma preponderante «Frequentemente» à maioria dos itens ¹⁴, nunca tendo respondido «Nunca» ou «Raramente» de forma dominante. Encontraram-se também para esta escala duas correlações significativas entre itens (ver Outputs 129 e 130). Na segunda escala a maioria dos adolescentes utilizou o «Quase sempre» como nível preferencial de resposta ¹⁵, nunca tendo respondido de forma dominante «Nunca» ou «Raramente». Apesar disso, foi às dimensões “Eu tenho” e “Eu sou” que os adolescentes responderam de forma preponderante com o nível mais elevado de resposta indicando que estes sujeitos possuem ou valorizam um suporte externo consistente e as suas forças pessoais internas. Para esta escala foram encontradas três correlações positivas significativas entre itens (ver Outputs 131-133). Não foram encontradas correlações significativas entre os resultados das duas escalas (ver Output 134), revelando que ambas variam de forma independente existindo, no entanto, correlações significativas entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu estou», $p(5)=0,970, p<0,05$, e «Eu estou» e «Eu posso», $p(5)=1,000, p<0,05$, da Escala de Avaliação do Eu Resiliente indicando que quando os resultados de uma destas dimensões varia a outra, respectivamente, varia também (ver Outputs 135).

A maioria dos adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos utilizou, na Escala de Avaliação Global da Resiliência, o «Frequentemente» como nível de resposta predominante ¹⁶, nunca tendo respondido «Nunca» ou «Raramente» de forma preponderante

¹⁴ Os adolescentes deste grupo responderam, nesta escala, «Frequentemente» em cinco dos oito itens da escala, «Quase sempre» em um item, «Algumas vezes» em um item, «Algumas vezes» e «Quase sempre» também em um item.

¹⁵ Nesta escala os adolescentes deste grupo utilizaram o «Quase sempre» como nível de resposta predominante em sete dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em cinco itens, «Algumas vezes» em um item, «Frequentemente» e «Quase sempre» em um item

¹⁶ Para este grupo, nesta escala, o «Frequentemente» surgiu como nível preferencial de resposta em quatro dos oito itens da escala, «Algumas vezes» em dois itens, «Quase sempre» em dois itens.

em nenhum dos itens da escala. Nesta escala descobriram-se ainda duas correlações significativas entre itens (ver Outputs 136 e 137). Relativamente à Escala de Avaliação do Eu Resiliente, a maioria dos adolescentes respondeu predominantemente «Quase sempre» aos itens ¹⁷, nunca tendo respondido de forma dominante «Nunca», «Raramente» ou «Algumas vezes». Desta forma, foi às dimensões “Eu tenho”, “Eu estou” e “Eu posso” que os adolescentes responderam maioritariamente com o nível mais elevado de resposta revelando que possuem suporte externo e estão dispostos a agir. Também para esta escala se encontraram duas correlações significativas entre itens (ver Outputs 138 e 139). Para as duas escalas não se encontraram correlações significativas (ver Output 140) tendo-se, contudo, encontrado uma correlação significativa entre a dimensão «Eu tenho» e «Eu posso», $p(49)=0,636, p<0,05$, indicando tais resultados que quando os totais das respostas a uma das dimensões varia, o mesmo acontece na outra dimensão (ver Output 141).

O grupo dos adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos, na Escala de Avaliação Global da Resiliência, utilizou o «Frequentemente» como nível de resposta predominante ¹⁸, nunca tendo respondido «Nunca» ou «Raramente» de forma preponderante. Para esta escala encontraram-se três correlações negativas significativas e duas correlações positivas significativas entre itens (ver Outputs 142 e 146). Já para a Escala de Avaliação do Eu Resiliente a maioria dos adolescentes respondeu «Quase sempre» de forma preponderante à maioria dos itens ¹⁹, nunca tendo respondido de forma preponderante «Nunca», «Raramente» ou «Algumas vezes» ²⁰. Foi nas dimensões “Eu tenho” e “Eu estou” que os sujeitos utilizaram maioritariamente o “Quase sempre” como nível de resposta preferencial indicando, também que este grupo de adolescentes possui suporte externo e disposição para a acção. Para esta escala, foram encontradas três correlações negativas significativas entre itens (ver Outputs 147-149) e catorze correlações positivas significativas entre itens (ver Outputs

¹⁷ Nesta escala, os adolescentes deste grupo utilizaram preferencialmente o «Quase sempre» em onze dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em três itens.

¹⁸ Os adolescentes pertencentes a este grupo responderam, nesta escala, «Quase sempre» em um dos oito itens da escala, «Frequentemente» em três itens, «Algumas vezes» em quatro itens.

¹⁹ Neste grupo a maioria dos adolescentes utilizou o «Quase sempre» como resposta dominante em oito dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em cinco itens, «Algumas vezes» em um item.

²⁰ Todos os adolescentes responderam «Quase sempre» ao item “Eu tenho pessoas eu cuidam de mim quando estou doente, em perigo ou quando preciso aprender alguma coisa”.

150-163), não tendo sido encontradas quaisquer correlações significativas entre os resultados das duas escalas (ver Output 164) nem entre os resultados das diferentes dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente indicando que os seus resultados variam de forma independente (ver Output 165).

Por fim, os sujeitos pertencentes ao grupo dos adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos, na Escala de Avaliação Global da Resiliência utilizaram predominantemente o «Frequentemente» como forma de resposta ²¹, nunca utilizando «Nunca» ou «Raramente» como nível predominante de resposta aos itens. Nesta escala encontraram-se duas correlações significativas entre itens (ver Outputs 166 e 167). Para a Escala de Avaliação do Eu Resiliente a maioria dos adolescentes utilizou o «Quase sempre» como nível de resposta preferencial ²², nunca tendo respondido de forma preponderante «Nunca» ou «Raramente». Contudo, foi à dimensão “Eu tenho” e “Eu estou” que os adolescentes responderam maioritariamente com o nível mais elevado de resposta. Também para esta escala se encontraram ainda nove correlações significativas entre itens (ver Outputs 168-176). Encontraram-se também correlações significativas entre os resultados das duas escalas, $p(41)=0,780, p<0,05$ (ver Output 177) e entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu sou», $p(41)=0,622, p<0,05$, e entre «Eu tenho» e «Eu posso», $p(41)=0,522, p<0,05$ (ver Output 178), da Escala de Avaliação do Eu Resiliente indicando que quando o nível de resposta a uma dimensão varia, o nível de resposta à outra dimensão varia simultaneamente .

Perante os resultados atrás descritos foi possível perceber que foi o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos que, na sua totalidade, utilizou com maior frequência o nível mais elevado de resposta aos itens nas duas escalas. Por outro lado, os grupos de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos e de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos foram os que utilizaram com mais frequência, na sua totalidade, o nível de resposta mais baixo, aqui equivalente ao «Algumas vezes». Tais resultados revelam que são os adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos e de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos, e de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos que possuem, respectivamente, maior e menor nível de

²¹ Os adolescentes pertencentes a este grupo utilizaram o «Quase sempre» como forma dominante de resposta em um dos oito itens da escala, «Frequentemente» em cinco itens, «Algumas vezes» em dois itens.

²² Neste grupo a maioria dos adolescentes utilizou o «Quase sempre» como nível de resposta preferencial em oito dos catorze itens da escala, «Frequentemente» em cinco itens, «Algumas vezes» e «Frequentemente» em um item.

resiliência. Estes dados podem indiciar que o facto de o pai ter ou não irmãos e o filho ter ou não irmãos, de igual forma, pode ser um factor preponderante no nível de resiliência dos adolescentes, no entanto, verificar a existência efectiva de diferenças significativas entre grupos não coube no âmbito desta investigação.

Por outro lado, foi o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe têm irmãos que registou, na sua totalidade, maior número de correlações nas respostas aos itens dentro de cada uma das escalas individualmente. Por oposição, foi o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos que registou menor número de correlações nas respostas aos itens dentro de cada uma das escalas. Tais conclusões levam-nos a perceber que foram os grupos constituídos por adolescentes sem irmãos, que registaram maior número de correlações entre as respostas aos itens dentro de cada uma das escalas, comparativamente aos grupos de adolescentes com irmãos, isto é, para os primeiros grupos, existe um maior número de itens que variam entre si nas escalas.

Discussão

Relativamente à primeira hipótese por nós colocada inicialmente, que remetia para a possibilidade da existência de diferenças entre os níveis de resiliência para os adolescentes com e sem irmãos, esta não se confirmou. Tal deveu-se ao facto de os resultados revelaram que, apesar de serem os adolescentes com irmãos a utilizar, ainda que de forma pouco significativa, mais frequentemente o nível mais elevado de resposta aos itens de ambas as escalas e de existirem correlações entre itens dentro de cada uma das escalas, entre os totais das duas escalas e entre as dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente, em ambos os grupos estudados, não se encontraram diferenças que possam ser consideradas como significativas entre estes.

No que concerne à segunda hipótese, que apontava para a possibilidade da existência de correlações significativas entre a variável adolescente com e sem irmãos, conjugando o número de irmãos do pai e da mãe deste, e a variável respostas aos itens das escalas, esta confirmou-se tal como veremos adiante. O facto de terem sido o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos e os grupos de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos e de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos que, na sua

totalidade, utilizaram, respectivamente com maior frequência o nível mais elevado e o nível mais baixo de resposta aos itens nas duas escalas, revela que são estes indivíduos que possuem, concomitantemente, maior e menor nível de resiliência. Isto pode levar-nos a supor a possibilidade de existência de uma influência entre os níveis de resiliência do pai relativamente aos níveis de resiliência do filho nestes grupos, no entanto, tal como já referido, seriam necessários estudos mais aprofundados para tecer qualquer tipo de conclusão a este respeito.

Apesar de nos oito grupos estudados se terem registado correlações significativas confirmando-se assim a segunda hipótese inicial, destacaram-se os grupos constituídos por adolescentes sem irmãos em que se encontrou um maior número de correlações significativas entre as respostas aos itens dentro de cada uma das escalas. Contudo, a análise detalhada e comparativa dos dados permitiu-nos perceber que não existe uma uniformidade nas correlações existentes entre todos os grupos, com irmãos e sem irmãos, tendo sido apenas os grupos de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos, de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos e de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos, que registaram correlações significativas entre os resultados das duas escalas. A possibilidade de existência de uma influência entre a variável nível de resiliência do adolescente com ou sem irmãos e as conjugações das variáveis número de irmãos do pai e da mãe deste, ou uma análise mais detalhada de diferenças entre grupos exigiria estudos mais aprofundados para se estabelecer qualquer tipo de conclusão relativamente a estes pontos.

Por outro lado, ao analisar mais detalhadamente as respostas dadas aos itens das diferentes dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente, foi possível perceber que foi na dimensão “Eu tenho” e “Eu estou” que os adolescentes utilizaram maioritariamente o “Quase sempre” como nível de resposta aos itens. A primeira dimensão remete para o suporte externo ao indivíduo e fez-nos supor que, perante tais resultados, tal suporte existe efectivamente no meio em que os adolescentes se inserem ou então que estes valorizam o existente, mesmo que pouco consistente. A segunda dimensão remete para aquilo que o indivíduo está disposto a fazer para ultrapassar as adversidades da sua vida o que nos indicou a presença de aptidões de resolução de problemas nos adolescentes estudados. Também para esta escala, apenas para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos e para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos é que não se verificou qualquer tipo de correlação entre as dimensões desta escala. Não obstante, relativamente aos restantes grupos, foi a dimensão “Eu tenho” que registou maior número de correlações com

outras dimensões da mesma escala sugerindo que é esta a dimensão que mais varia quando os totais de respostas a outras dimensões também variam. Por outro lado, foram as dimensões “Eu estou”, que remete para aquilo que o sujeito está disposto a fazer perante determinada adversidade, e “Eu sou”, que remete para a resistência interna do sujeito, que registaram menor número de correlações com as outras dimensões. Mais uma vez, o estudo das diferenças entre grupos e a possibilidade de influência entre os resultados de cada dimensão e as combinações entre as variáveis número de irmãos do adolescente, do pai e da mãe, não teve lugar nesta investigação.

Na testagem de ambas as hipóteses, e analisando todos os grupos em conjunto, foi possível perceber que foi na dimensão “Eu tenho” que os adolescentes utilizaram o “Quase sempre” como nível predominante de resposta e foi na dimensão “Eu estou” que utilizaram preponderantemente o nível inferior de resposta aos itens, ou seja, os adolescentes possuem, ou valorizam, o suporte externo em detrimento daquilo que estão dispostos a fazer para enfrentar as adversidades da vida.

Importa ressaltar, porém, que a generalização destes resultados à população portuguesa dever ser feita de forma cautelosa uma vez que se utilizou na presente investigação uma amostra por conveniência cujas características não são inteiramente representativas da restante população.

Conclusão

“Uma pancada do destino é uma ferida que se inscreve na nossa história, não é um destino”

Boris Cyrulnik

A importância fulcral que a resiliência assume na vida de qualquer indivíduo, a necessidade de investigações neste campo no nosso país, acrescida da inexistência de estudos científicos que relacionem a resiliência com o número de irmãos de adolescentes, justificam a

pertinência do presente estudo. Apesar de largamente conhecida e estudada existe ainda um grande caminho a percorrer para que se torne efectiva a passagem da teoria à prática através da criação de programas de promoção da resiliência nos mais variados contextos.

O primeiro objectivo desta investigação foi perceber se existiam diferenças significativas nos grupos de adolescentes com e sem irmãos relativamente aos seus níveis de resiliência, facto que não se verificou, embora se tenha registado maior utilização do nível superior de resposta aos itens nos adolescentes com irmãos. O segundo objectivo que remetia para a possibilidade de existência de correlações significativas entre a variável adolescente com e sem irmãos, conjugando o número de irmãos do pai e da mãe deste, e a variável respostas aos itens das escalas em todos os grupos de adolescentes veio a confirmar-se, tal como nos indicam os resultados. Todavia, seriam necessários estudos mais aprofundados e complementares para analisar a possibilidade da existência de diferenças estatisticamente significativas ou de influência entre variáveis.

Em futuras investigações neste âmbito consideramos que deveriam ser eliminadas algumas fragilidades aqui presentes, nomeadamente no que concerne à amostra que deveria ser seleccionada de forma aleatória estratificada para aumentar a representatividade da população portuguesa e permitir o cálculo do erro de amostragem (Ribeiro, 1999). Seria também importante recorrer a um desenho de investigação longitudinal para evitar o efeito geracional e controlar outras variáveis mais eficazmente tais como a uniformização do ambiente de resposta ao questionário. Efectuar um cruzamento destes dados com os resultados obtidos noutras investigações semelhantes não foi aqui possível dada a inexistência de estudos que se reportem à comparação do nível de resiliência em sujeitos com ou sem irmãos. Estudar outras amostras, explorar outras variáveis não abordadas ou efectuar uma análise mais detalhada de diferenças entre grupos aqui utilizados, bem como estudar os níveis de resiliência dos progenitores dos adolescentes estudados a fim de se poder estabelecer uma comparação entre pais e filhos, seriam também pontos interessantes de abordagem.

Uma vez que este estudo salientou o elevado nível de resiliência da amostra estudada seria oportuno estabelecer comparações entre adolescentes escuteiros e adolescentes que não se encontram inseridos no movimento escutista. No entanto, a partir de tais resultados podemos então tirar algumas conclusões bastante válidas. Visto o escutismo ser um movimento cujas bases assentam nos princípios da pedagogia da Educação Nova que, por sua vez, se baseia na Psicologia da criança. Este promove o desenvolvimento integral dos jovens

em termos de autonomia, procura de interesses, partilha de afectos, desenvolvimento de capacidades criadoras e de aptidões, enfim, promotor de factores de protecção e da própria resiliência dos sujeitos. O mestre é visto aqui não como um mero transmissor de conhecimentos mas acima de tudo, como um treinador que acompanha e promove o desenvolvimento do indivíduo (Cousinet, 1978). O movimento escutista é assim um sistema de auto-educação progressiva num ambiente eminentemente lúdico, participativo e de contacto estreito com os outros e com a natureza. As crianças encaminham-se assim para uma clara orientação democrática tornando-se cidadãos do mundo pelo escutismo. O desenvolvimento é concebido neste movimento não como um meio fechado mas como uma forma de integração comunitária e de aceitação de si próprio e dos outros. Neste sentido, pretende-se a integração plena dos indivíduos na sociedade através de uma caminhada que os torna homens e mulheres mais válidos, aprendendo a lidar com as suas limitações e potenciando as suas capacidades.

Aqui se percebem já semelhanças com aquela que deverá ser a correcta forma de desenvolvimento da resiliência. Assim, e uma vez que cada um vive os seus dramas e feridas de forma única e pessoal, só o próprio indivíduo poderá ser o autor do seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento da sua resiliência para que todas as suas aquisições se tornem verdadeiramente efectivas. Desta forma, e uma vez que as adversidades da vida são inevitáveis e que o ser humano é muito mais complexo do que todas as teorias que procuram explicá-lo, sugere-se que a prática da metodologia escutista possa servir de base ou inspiração para futuros programas de promoção de resiliência em indivíduos, famílias, escolas, comunidades (em especial comunidades de/em risco), etc.

Tornar-se resiliente é percorrer um longo caminho pelo que, a sua promoção se deve iniciar o mais precocemente possível (Cyrulnik, 2003), todavia, todos podem tornar-se resilientes. Todo o ser humano dado que vem ao mundo com uma capacidade inata de resiliência pois existe nele uma tendência também inata para o crescimento e o desenvolvimento (Poletti & Dobbs, 2007). O desafio está em encontrar formas de a promover.

A resiliência não garante uma vida simples e equilibrada mas ajuda a suportar, a superar e a tirar o melhor partido das situações difíceis. Por isso, hoje, mais do que nunca, precisamos promover e usar a resiliência na nossa vida diária, no nosso trabalho, na nossa vida pessoal, social, política, familiar (Grotberg, 2003). Assim, terminamos com as sábias e sempre actuais palavras de Baden-Powell, o fundador do Escutismo a nível mundial. Porque à

semelhança dele deveríamos procurar que o nosso objectivo último fosse “... *criar homens fortes de corpo e de mente, homens em quem se possa confiar, homens que saibam enfrentar trabalho duro e tempos difíceis, homens que saibam decidir por si próprios sem se deixarem levar pela sugestão das massas, homens que saibam sacrificar do que é pessoal em prol do interesse mais vasto da nação*”, enfim, homens e mulheres mais resilientes. Assim, lembremo-nos sempre que “...*a felicidade não vem da riqueza nem simplesmente do êxito de uma carreira, nem dos prazeres. Um passo para a felicidade é serdes saudáveis e fortes enquanto sois rapazes, para poderdes ser úteis e gozardes a vida quando fordes homens...Contentai-vos com o que tendes e tirai dele o melhor proveito que puderdes. Vede sempre o lado melhor das coisas e não o pior. Mas o melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontraste e, quando vos chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçaste o tempo e fizeste todo o possível por praticar o bem. Estai preparados desta maneira para viver e morrer felizes...*” (Powell, 1960).

Referências Bibliográficas

- Anaut, M. (2005). *A resiliência. Ultrapassar os traumatismos*. Lisboa: Climepsi.
- Anthony, J. (1978). Un nouveau domaine scientifique à explorer. In. *L'enfant dans sa famille. L'enfant vulnérable*. Anthony, J., Chiland, C. & Koupernick, C. (Eds.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Asendorpf, J.B. & van Aken, M. A. G. (1999). Resilient, overcontrolled and undercontrolled personality prototypes in childhood: replicability, predictive power and trait-type issue. *Journal of personality and social psychology*. 77 (4), 815-832.
- Beauvais, F. & Oetting, E. R. (1999). Drug use, resilience, and the myth of the golden child. In. Glantz, M. & Johnson, J. (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York : Plenum Publishers.
- Bradley, R., Whiteside, L., Mundfrom, D., Casey, P., Kelleher, K. & Pope, S. (1994). Early indications of resilience and their relation to experiences in the home environments of low birthweight, premature children living in poverty. *Child development*. 65, 346-360.
- Carver, C. S. (1995). Resilience and Thriving: issues, models and linkages. *Journal of social issues*. 54 (2), 245-266.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de psicologia*. 5 (1), 71-93.

Cousinet, R. (1980). *A educação nova*. Lisboa: Moraes Editores.

Cyrulnik, B. (2001). *Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana*.

Lisboa: Instituto Piaget.

Dunst, C. J. (1995). *Key characteristics and features of community-based family support programs*. Chicago: Family Resource Coalition.

Garnezy, N. Masten, A. & Tellegen, A. (1984). The study of stress and competence in children: a building block for developmental psychopathology. *Child development*. 55, 97-111.

Glantz, M. & Sloboda, Z. (1999). Analysis and Reconceptualization of resilience. In.

Glantz, M & Johnson (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York: Plenum Publishers.

Grotberg, E. (2003). *Resilience for today: Gaining strength from adversity*. New York:

Praeger Publishers.

Gonçalves, M. J.(2003). Aumentar a resiliência das crianças vítima de violência.

Análise psicológica. 1 (XXI), 23-30.

Jardim, J. & Pereira, A. (2006). *Competências pessoais e sociais: guia prático para a mudança positiva*. Porto: Asa.

Johnson, J.L (1999). Resilience as transaccional equilibrium. In. Glantz, M & Johnson, J. (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York: Plenum Publishers:.

Kumpfer, K.L. (1999). Factors and processes contributing to resilience- the resilience framework. In. Glantz, M & Johnson, J. (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York: Plenum Publishers.

Kaplan, H.B. (1999). Toward an understanding of resilience: a critical review of definitions and models. In. Glantz, M & Johnson (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York: Plenum Publishers.

Kaplan, C. A. & Owens, J. (2004). Parental influences on vulnerability and resilience. In. Hogue, M. & Long, N. (Eds). *Handbook of parenting: theory and research for practice*. London: Sage.

Lighezzolo, J. & Tychev, C. (2004). *La resilience – se (re)construire après le traumatisme*. France: In Press.

Luthar, S. (1991). Vulnerability and resilience: a study of high-risk adolescents. *Child development*. 62, 600-616.

- Losel, F. & Bender, D. (1999). Protective factors and resilience. In. *Early prevention of adult antisocial behaviour*. Farrington, D. & Coid, J. (Eds). UK: Cambridge University Press.
- Maroco, J. & Bispo, R. (2005). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. Lisboa: Climepsi.
- Masten, A., Miliotis, D., Graham-Bermann, S., Ramirez, M. & Neeman, J. (1993). Children in homeless families: Risks to mental health and development. *Journal of consulting and clinical psychology*. 2, 335-343.
- Masten, A., Coatsworth, J., Neemann, J., Gest, S., Tellegen, A. & Garnezy, N. (1995). The structure and coherence of competence from childhood through adolescence. *Child Development*. 66, 1635-1659.
- Masten, A. & Obradovic, J. (2006). Competence and resilience in development. *Annals New York academy of sciences*. 1094, 13-27.
- Plomin, R. & Daniels, D. (1987). Why are children in the same family so different from one another? *Behavioral and Brain Sciences*, 10, 1-60.
- Poletti, R. & Dobbs, B. (2007). *A resiliência. A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes.

- Poletto, M., Wagner, T. & Koller, S. (2004). Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psicologia: teoria e pesquisa*. 20 (3), 241-250.
- Powell, B. (1960). *Escutismo para rapazes*. 3ª edição. Lisboa: C.N.E.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: CLimepsi.
- Rolf, J.E. (1999). Resilience: an interview with Norman Garmezy. In. Glantz, M & Johnson, J. (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York: Plenum Publishers.
- Sameroff, A.J. & Chandler, M.J. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking causality. *Review of Child Development Research*. Chicago: University of Chicago Press.
- Schmolke, M. (2005). *The concept of resilience in psychological research*. Apresentado no World Congress of Psychiatry of WPA. Cairo, Egipto, Setembro 10-15, 2005.
- Tarter, R.E. & Vanyukov, M. (1999). Re-visiting the validity of the construct of resilience. In. Glantz, M & Johnson, J. (Eds). *Resilience and development: positive life adaptations*. New York: Plenum Publishers.

Tisseron, S. (2007). *La resilience*. Paris: Presses Universitaires de France.

Werner, E., & Smith, R. (1992). *Overcoming the odds: High-risk children from birth to adulthood*. New York: Cornell University Press.

West et al (1998). Adolescent Attachment Questionnaire: a brief assessment of attachment in adolescence. *Journal of youth and adolescence*. 27 (5), 661-673.

Wilcox, D. Richards, F. & O'Keeffe, Z. (2004). Resilience and risk factors associated with experiencing childhood sexual abuse. *Child abuse review*. 13, 338-352.

Anexos

ANEXO 1: Pedido de autorização para recolha de dados



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Ex.mo(a) Sr.(a). Chefe do Agrupamento _____ de

Lisboa, __ de _____ de 2009.

Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados

A aluna Susana Margarida Maia Gonçalves, finalista do curso de Mestrado Integrado na área de Psicologia Clínica, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, propõe-se desenvolver um projecto de investigação sobre a Resiliência, no âmbito da sua tese de mestrado. Este projecto tem como objectivo geral comparar os níveis de resiliência existentes em jovens com e sem irmãos.

No sentido de desenvolver este estudo, vimos, por este meio, solicitar a autorização de V. Exa. para recolher informações junto dos jovens do seu agrupamento com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

Será solicitada a autorização por escrito de todos os encarregados de educação. As datas e horários das observações serão calendarizados de acordo com a disponibilidade e conveniência dos participantes.

Garantimos a confidencialidade das informações obtidas e manifestamos a nossa disponibilidade para todos os esclarecimentos considerados necessários.

Agradecendo a atenção dispensada, enviamos os nossos melhores cumprimentos.

O Orientador da Tese de Mestrado,

Joaquim Eduardo Sá

Carta de consentimento informado

Vimos por este meio solicitar a participação do seu educando numa investigação, no âmbito de uma tese de Mestrado em Psicologia Clínica, que tem como objectivo comparar os níveis de resiliência em jovens com e sem irmãos.

Este estudo pressupõe que o seu educando se sujeite à aplicação de questionários, com um tempo total previsto de 10 minutos. Estes serão realizados na sede do agrupamento _____ de _____, não tendo qualquer tipo de custos psicológicos, físicos ou monetários. Tem a liberdade de se recusar a participar e o direito de desistir em qualquer altura da investigação sem que isso lhe traga qualquer tipo de penalizações.

Todas as informações recolhidas nesta investigação são estritamente confidenciais e convertidas directamente em valores estatísticos. Os respectivos questionários serão identificados apenas com um código e só o investigador terá conhecimento dos seus dados.

A participação nesta pesquisa não pressupõe a existência de qualquer benefício directo, apesar de se esperarem encontrar informações pertinentes que poderão ser usadas na melhoria da qualidade de vida da população em geral.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento.

Eu, _____ encarregado de educação de _____, de forma livre e esclarecida, autorizo o meu educando a participar nesta investigação.

__/__/__

(data)

(assinatura)

Escala de Avaliação Global da resiliência (EAGR) (Jardim & Pereira, 2006)

Instruções: assinale com um círculo apenas um dos níveis com que mais se identifica segundo a escala seguinte:

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Quase sempre

Perante as adversidades da vida, continuo a lutar até atingir os meus objectivos	1	2	3	4	5
Mesmo em situações stressantes, mantenho a tranquilidade	1	2	3	4	5
Tenho total confiança nas minhas capacidades para resolver os meus problemas	1	2	3	4	5
Tenho conseguido superar as adversidades que a vida me tem colocado	1	2	3	4	5
Consigo minimizar os efeitos negativos das adversidades	1	2	3	4	5
Assumo os meus problemas dando-lhes a importância que têm, sem os subvalorizar ou sobrevalorizar	1	2	3	4	5
Quando uma situação não é passível de ser mudada, aceito esse facto com serenidade	1	2	3	4	5
Quando a vida me coloca novos desafios, considero-os oportunidades para amadurecer	1	2	3	4	5

Escala de Avaliação do Eu Resiliente (EAER)

Instruções: assinale com um círculo apenas um dos níveis com que mais se identifica segundo a escala seguinte:

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Quase sempre

Eu tenho pessoas ao meu redor que me querem incondicionalmente	1	2	3	4	5
Eu tenho pessoas que me estipulam limites para que eu aprenda a evitar os perigos e problemas	1	2	3	4	5
Eu tenho pessoas que querem que eu aprenda a desenvolver-me sozinho	1	2	3	4	5
Eu tenho pessoas que cuidam de mim quando estou doente, em perigo ou quando preciso aprender alguma coisa	1	2	3	4	5
Eu sou uma pessoa estimada e amada pelos outros	1	2	3	4	5
Eu sou feliz quando faço algo pelos outros e lhes demonstro o meu afecto	1	2	3	4	5
Eu sou respeitador de mim mesmo e dos outros	1	2	3	4	5
Eu estou disposto a responsabilizar-me pelos meus actos	1	2	3	4	5
Eu estou confiante que tudo correrá bem	1	2	3	4	5
Eu posso falar sobre as coisas que me preocupam ou inquietam	1	2	3	4	5
Eu posso procurar o modo de resolver os meus problemas	1	2	3	4	5
Eu posso controlar-me quando tenho vontade de fazer algo perigoso ou nocivo	1	2	3	4	5
Eu posso encontrar o momento certo para falar com alguém ou para actuar	1	2	3	4	5
Eu posso procurar alguém que me ajuda quando eu necessito	1	2	3	4	5

ANEXO 5: Outputs

Q0P2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	52	51,0	51,0	51,0
	Feminino	50	49,0	49,0	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 1 – Género dos participantes no estudo

Q0P1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	12	38	37,3	37,3	37,3
	13	17	16,7	16,7	53,9
	14	12	11,8	11,8	65,7
	15	13	12,7	12,7	78,4
	16	17	16,7	16,7	95,1
	17	5	4,9	4,9	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 2- Distribuição de frequências das idades dos participantes no estudo

Q0P3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	48	47,1	47,1	47,1
	Sim	54	52,9	52,9	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 3- Distribuição de frequências da variável ter ou não irmãos

Q0P4a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	48	47,1	47,1	47,1
	1	36	35,3	35,3	82,4
	2	9	8,8	8,8	91,2
	3	8	7,8	7,8	99,0
	4	1	1,0	1,0	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 4- Distribuição de frequências do número de irmãos dos participantes no estudo

QOP4b

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	48	47,1	47,1	47,1
	1	29	28,4	28,4	75,5
	2	22	21,6	21,6	97,1
	3	3	2,9	2,9	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 5- Distribuição de frequências do lugar na fratria dos participantes no estudo

QOP5

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	23	22,5	22,5	22,5
	Sim	79	77,5	77,5	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 6- Distribuição de frequências da variável mães dos participantes no estudo têm ou não irmãos

Q0P5a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	22	21,6	21,6	21,6
	1	35	34,3	34,3	55,9
	2	12	11,8	11,8	67,6
	3	11	10,8	10,8	78,4
	4	12	11,8	11,8	90,2
	5	5	4,9	4,9	95,1
	6	3	2,9	2,9	98,0
	7	1	1,0	1,0	99,0
	8	1	1,0	1,0	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 7- Distribuição de frequências da variável número de irmãos das mães dos participantes no estudo

P5b

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	22	21,6	21,6	21,6
	1	33	32,4	32,4	53,9
	2	31	30,4	30,4	84,3
	3	6	5,9	5,9	90,2
	4	4	3,9	3,9	94,1
	5	4	3,9	3,9	98,0
	6	1	1,0	1,0	99,0
	7	1	1,0	1,0	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 8- Distribuição de frequências da variável lugar na fratria das mães dos participantes no estudo

Q0P6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	12	11,8	11,8	11,8
	Sim	90	88,2	88,2	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 9- Distribuição de frequências da variável pais dos participantes no estudo têm ou não irmãos

Q0P6a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	12	11,8	11,8	11,8
	1	48	47,1	47,1	58,8
	2	20	19,6	19,6	78,4
	3	11	10,8	10,8	89,2
	4	6	5,9	5,9	95,1
	5	3	2,9	2,9	98,0
	6	2	2,0	2,0	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 10- Distribuição de frequências da variável número de irmãos dos pais dos participantes no estudo

Q0P6b

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	12	11,8	11,8	11,8
	1	37	36,3	36,3	48,0
	2	41	40,2	40,2	88,2
	3	5	4,9	4,9	93,1
	4	2	2,0	2,0	95,1
	5	3	2,9	2,9	98,0
	7	1	1,0	1,0	99,0
	13	1	1,0	1,0	100,0
	Total	102	100,0	100,0	

Output 11- Distribuição de frequências da variável lugar na fratria dos pais dos participantes no estudo

Q1P1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	3	5,6	5,6	7,4
	Frequentemente	23	42,6	42,6	50,0
	Quase sempre	27	50,0	50,0	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 12- Distribuição de frequências das respostas ao item 1 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	7	13,0	13,0	13,0
	Algumas vezes	22	40,7	40,7	53,7
	Frequentemente	18	33,3	33,3	87,0
	Quase sempre	7	13,0	13,0	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 13- Distribuição de frequências das respostas ao item 2 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	10	18,5	18,5	20,4
	Frequentemente	27	50,0	50,0	70,4
	Quase sempre	16	29,6	29,6	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 14- Distribuição de frequências das respostas ao item 3 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P4

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	7	13,0	13,0	13,0
	Frequentemente	29	53,7	53,7	66,7
	Quase sempre	18	33,3	33,3	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 15- Distribuição de frequências das respostas ao item 4 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P5

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Algumas vezes	24	44,4	44,4	44,4
Frequentemente	19	35,2	35,2	79,6
Quase sempre	11	20,4	20,4	100,0
Total	54	100,0	100,0	

Output 16- Distribuição de frequências das respostas ao item 5 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P6

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	1	1,9	1,9	1,9
Raramente	1	1,9	1,9	3,7
Algumas vezes	16	29,6	29,6	33,3
Frequentemente	22	40,7	40,7	74,1
Quase sempre	14	25,9	25,9	100,0
Total	54	100,0	100,0	

Output 17- Distribuição de frequências das respostas ao item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	3	5,6	5,6	5,6
	Algumas vezes	16	29,6	29,6	35,2
	Frequentemente	24	44,4	44,4	79,6
	Quase sempre	11	20,4	20,4	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 18- Distribuição de frequências das respostas ao item 7 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q1P8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	16	29,6	29,6	31,5
	Frequentemente	18	33,3	33,3	64,8
	Quase sempre	19	35,2	35,2	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 19- Distribuição de frequências das respostas ao item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes com irmãos

Q2P1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	2	3,7	3,7	3,7
	Algumas vezes	10	18,5	18,5	22,2
	Frequentemente	17	31,5	31,5	53,7
	Quase sempre	25	46,3	46,3	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 20- Distribuição de frequências das respostas ao item 1 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	5	9,3	9,3	11,1
	Frequentemente	20	37,0	37,0	48,1
	Quase sempre	28	51,9	51,9	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 21- Distribuição de frequências das respostas ao item 2 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	3	5,6	5,6	5,6
	Algumas vezes	10	18,5	18,5	24,1
	Frequentemente	12	22,2	22,2	46,3
	Quase sempre	29	53,7	53,7	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 22- Distribuição de frequências das respostas ao item 3 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P4

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	1	1,9	1,9	1,9
	Frequentemente	9	16,7	16,7	18,5
	Quase sempre	44	81,5	81,5	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 23- Distribuição de frequências das respostas ao item 4 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P5

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	2	3,7	3,7	3,7
	Algumas vezes	7	13,0	13,0	16,7
	Frequentemente	25	46,3	46,3	63,0
	Quase sempre	20	37,0	37,0	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 24- Distribuição de frequências das respostas ao item 5 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	3	5,6	5,6	5,6
	Frequentemente	21	38,9	38,9	44,4
	Quase sempre	30	55,6	55,6	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 25- Distribuição de frequências das respostas ao item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	8	14,8	14,8	14,8
	Frequentemente	25	46,3	46,3	61,1
	Quase sempre	21	38,9	38,9	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 26- Distribuição de frequências das respostas ao item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	13	24,1	24,1	24,1
	Frequentemente	18	33,3	33,3	57,4
	Quase sempre	23	42,6	42,6	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 27- Distribuição de frequências das respostas ao item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	12	22,2	22,2	22,2
	Frequentemente	27	50,0	50,0	72,2
	Quase sempre	14	25,9	25,9	98,1
	33	1	1,9	1,9	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 28- Distribuição de frequências das respostas ao item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	15	27,8	27,8	29,6
	Frequentemente	21	38,9	38,9	68,5
	Quase sempre	17	31,5	31,5	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 29- Distribuição de frequências das respostas ao item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P11

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	5	9,3	9,3	11,1
	Frequentemente	23	42,6	42,6	53,7
	Quase sempre	25	46,3	46,3	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 30- Distribuição de frequências das respostas ao item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P12

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	4	7,4	7,4	7,4
	Algumas vezes	9	16,7	16,7	24,1
	Frequentemente	18	33,3	33,3	57,4
	Quase sempre	23	42,6	42,6	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 31- Distribuição de frequências das respostas ao item 12 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P13

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	6	11,1	11,1	13,0
	Frequentemente	20	37,0	37,0	50,0
	Quase sempre	27	50,0	50,0	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 32- Distribuição de frequências das respostas ao item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q2P14

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	1,9	1,9	1,9
	Algumas vezes	3	5,6	5,6	7,4
	Frequentemente	20	37,0	37,0	44,4
	Quase sempre	30	55,6	55,6	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Output 33- Distribuição de frequências das respostas ao item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes com irmãos

Q1P1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	10	20,8	20,8	20,8
	Frequentemente	18	37,5	37,5	58,3
	Quase sempre	20	41,7	41,7	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 34- Distribuição de frequências das respostas ao item 1 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	7	14,6	14,6	14,6
	Algumas vezes	23	47,9	47,9	62,5
	Frequentemente	15	31,3	31,3	93,8
	Quase sempre	3	6,3	6,3	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 35- Distribuição de frequências das respostas ao item 2 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	9	18,8	18,8	18,8
	Frequentemente	31	64,6	64,6	83,3
	Quase sempre	8	16,7	16,7	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 36- Distribuição de frequências das respostas ao item 3 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P4

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	2	4,2	4,2	4,2
	Algumas vezes	12	25,0	25,0	29,2
	Frequentemente	23	47,9	47,9	77,1
	Quase sempre	11	22,9	22,9	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 37- Distribuição de frequências das respostas ao item 4 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P5

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	9	18,8	18,8	18,8
	Algumas vezes	15	31,3	31,3	50,0
	Frequentemente	24	50,0	50,0	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 38- Distribuição de frequências das respostas ao item 5 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	6	12,5	12,5	12,5
	Algumas vezes	19	39,6	39,6	52,1
	Frequentemente	17	35,4	35,4	87,5
	Quase sempre	6	12,5	12,5	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 39- Distribuição de frequências das respostas ao item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	3	6,3	6,3	6,3
	Raramente	4	8,3	8,3	14,6
	Algumas vezes	17	35,4	35,4	50,0
	Frequentemente	14	29,2	29,2	79,2
	Quase sempre	10	20,8	20,8	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 40- Distribuição de frequências das respostas ao item 7 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q1P8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	9	18,8	18,8	18,8
	Frequentemente	19	39,6	39,6	58,3
	Quase sempre	20	41,7	41,7	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 41- Distribuição de frequências das respostas ao item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para os adolescentes sem irmãos

Q2P1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	14	29,2	29,2	29,2
	Frequentemente	15	31,3	31,3	60,4
	Quase sempre	19	39,6	39,6	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 42- Distribuição de frequências das respostas ao item 1 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	12	25,0	25,0	25,0
	Frequentemente	18	37,5	37,5	62,5
	Quase sempre	18	37,5	37,5	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 43- Distribuição de frequências das respostas ao item 2 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	2	4,2	4,2	4,2
	Algumas vezes	10	20,8	20,8	25,0
	Frequentemente	12	25,0	25,0	50,0
	Quase sempre	24	50,0	50,0	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 44- Distribuição de frequências das respostas ao item 3 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P4

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	7	14,6	14,6	14,6
	Frequentemente	5	10,4	10,4	25,0
	Quase sempre	36	75,0	75,0	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 45- Distribuição de frequências das respostas ao item 4 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P5

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	4	8,3	8,3	8,3
	Frequentemente	26	54,2	54,2	62,5
	Quase sempre	18	37,5	37,5	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 46- Distribuição de frequências das respostas ao item 5 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	4	8,3	8,3	8,3
	Frequentemente	27	56,3	56,3	64,6
	Quase sempre	17	35,4	35,4	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 47- Distribuição de frequências das respostas ao item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	9	18,8	18,8	18,8
	Frequentemente	16	33,3	33,3	52,1
	Quase sempre	23	47,9	47,9	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 48- Distribuição de frequências das respostas ao item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	6	12,5	12,5	12,5
	Frequentemente	12	25,0	25,0	37,5
	Quase sempre	30	62,5	62,5	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 49- Distribuição de frequências das respostas ao item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	2	4,2	4,2	4,2
	Algumas vezes	11	22,9	22,9	27,1
	Frequentemente	11	22,9	22,9	50,0
	Quase sempre	24	50,0	50,0	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 50- Distribuição de frequências das respostas ao item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	6	12,5	12,5	12,5
	Algumas vezes	6	12,5	12,5	25,0
	Frequentemente	27	56,3	56,3	81,3
	Quase sempre	9	18,8	18,8	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Output 51- Distribuição de frequências das respostas ao item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P11

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Algumas vezes	10	20,8	20,8	20,8
Frequentemente	27	56,3	56,3	77,1
Quase sempre	11	22,9	22,9	100,0
Total	48	100,0	100,0	

Output 52- Distribuição de frequências das respostas ao item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P12

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	4	8,3	8,3	8,3
Raramente	2	4,2	4,2	12,5
Algumas vezes	11	22,9	22,9	35,4
Frequentemente	15	31,3	31,3	66,7
Quase sempre	16	33,3	33,3	100,0
Total	48	100,0	100,0	

Output 53- Distribuição de frequências das respostas ao item 12 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P13

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Algumas vezes	11	22,9	22,9	22,9
Frequentemente	22	45,8	45,8	68,8
Quase sempre	15	31,3	31,3	100,0
Total	48	100,0	100,0	

Output 54- Distribuição de frequências das respostas ao item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

Q2P14

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Algumas vezes	9	18,8	18,8	18,8
Frequentemente	9	18,8	18,8	37,5
Quase sempre	30	62,5	62,5	100,0
Total	48	100,0	100,0	

Output 55- Distribuição de frequências das respostas ao item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para os adolescentes sem irmãos

		Q1P1
Q1P6	Pearson Correlation	,581**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	54

Output 56- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos

		Q1P4
Q1P8	Pearson Correlation	,530**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	54

Output 57- Correlação entre o item 4 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos

		Q2P4
Q2P9	Pearson Correlation	-,541**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	54

Output 58- Correlação entre o item 4 e o item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos

		Q 2P7
Q2P13	Pearson Correlation	,551**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	54

Output 59- Correlação entre o item 7 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos

		ResiliênciaQ 1
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,648**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	54

Output 60- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos

		ResiliênciaQ2sub4
ResiliênciaQ 2sub4	Pearson Correlation	,609**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	54

Output 61- Correlação entre os resultados das dimensões «Eu sou» e «Eu posso» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos

		Q1P3
Q1P8	Pearson Correlation	,577**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 62- Correlação entre o item 3 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q1P5
Q1P6	Pearson Correlation	,589**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 63- Correlação entre o item 5 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q2P2
Q2P6	Pearson Correlation	,744**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	44

Output 64- Correlação entre o item 2 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q2P4
Q2P5	Pearson Correlation	,540**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 65- Correlação entre o item 4 e o item 5 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q2P5
Q2P6	Pearson Correlation	,577**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 66- Correlação entre o item 5 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q2P8
Q2P9	Pearson Correlation	,651**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 67- Correlação entre o item 8 e o item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q 2P3
Q 2P10	Pearson Correlation	,586**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 68- Correlação entre o item 3 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q 2P4
Q 2P10	Pearson Correlation	,501**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 69- Correlação entre o item 4 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q 2P10
Q 2P11	Pearson Correlation	,614**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 70- Correlação entre o item 10e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q2P2
Q2P14	Pearson Correlation	,561**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	44

Output 71- Correlação entre o item 2 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q2P5
Q2P14	Pearson Correlation	,427**
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	48

Output 72- Correlação entre o item 5 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		ResiliênciaQ1
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,669**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 73- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

		ResiliênciaQ 2su b1
ResiliênciaQ 2sub2	Pearson Correlation	,596**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	48

Output 74- Correlação entre os resultados das dimensões «Eu tenho» e «Eu sou» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
ResiliênciaQ 1	,107	102	,006	,980	102	,132
ResiliênciaQ 2sub1	,174	102	,000	,899	102	,000
ResiliênciaQ 2sub2	,166	102	,000	,918	102	,000
ResiliênciaQ 2sub3	,327	102	,000	,416	102	,000
ResiliênciaQ 2sub4	,141	102	,000	,943	102	,000
ResiliênciaQ 2total	,123	102	,001	,961	102	,004

a. Lilliefors Significance Correction

Output 75- Teste à normalidade Kolmogorov-Smirnov para os somatórios das escalas e para as dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente

	Resiliência Q 1	Resiliência Q 2sub1	Resiliência Q 2sub2	Resiliência Q 2sub3	Resiliência Q 2sub4	Resiliência Q 2total
--	--------------------	------------------------	------------------------	------------------------	------------------------	-------------------------

	Resiliência Q 1	Resiliência Q 2sub1	Resiliência Q 2sub2	Resiliência Q 2sub3	Resiliência Q 2sub4	Resiliência Q 2total
Mann-Whitney U	933,000	1101,000	1266,500	989,000	994,500	1103,500
Wilcoxon W	2109,000	2277,000	2442,500	2474,000	2170,500	2279,500
Z	-2,445	-1,328	-,202	-2,117	-2,037	-1,294
Asymp. Sig. (2-tailed)	,014	,184	,840	,034	,042	,196

Output 76- Teste Wilcoxon-Mann-Withney

N	Valid	54	54	54	54	54	54
	Missing	0	0	0	0	0	0
Mean		31,5926	17,6111	12,9074	8,7593	21,2593	59,9815
Median		32,0000	18,0000	13,0000	8,0000	22,0000	61,0000
Mode		33,00	17,00	13,00 ^a	9,00	22,00	61,00 ^a
Sum		1706,00	951,00	697,00	473,00	1148,00	3239,00
Percentiles	25	28,0000	16,7500	12,0000	7,0000	19,7500	56,0000
	50	32,0000	18,0000	13,0000	8,0000	22,0000	61,0000
	75	35,0000	19,0000	14,0000	9,0000	23,0000	64,0000

Output 77- Estudo das medidas de tendência central e não central para o grupo de adolescentes com irmãos

		Resiliência Q 1	Resiliência Q 2sub1	Resiliência Q 2sub2	Resiliência Q 2sub3	Resiliência Q 2sub4	Resiliência Q 2total
N	Valid	48	48	48	48	48	48
	Missing	0	0	0	0	0	0
Mean		29,8958	17,0000	12,8542	8,6875	20,1250	58,6667
Median		30,0000	17,0000	13,0000	9,0000	20,0000	60,0000
Mode		31,00	17,00	12,00 ^a	10,00	20,00	58,00 ^a
Sum		1435,00	816,00	617,00	417,00	966,00	2816,00
Percentiles	25	27,2500	16,0000	12,0000	7,2500	19,0000	54,0000
	50	30,0000	17,0000	13,0000	9,0000	20,0000	60,0000
	75	31,0000	18,0000	14,0000	10,0000	22,0000	62,7500

Output 78- Estudo das medidas de tendência central e não central para o grupo de adolescentes sem irmãos

		Q1P2
Q1P3	Pearson Correlation	,919 [*]
	Sig. (2-tailed)	,028
	N	5

Output 79- Correlação entre o item 2 e o item 3 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos

		Q2P1
Q2P2	Pearson Correlation	,957 [*]
	Sig. (2-tailed)	,011
	N	5

Output 80- Correlação entre o item 1 e o item 3 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos

		Q2P1	Q2P2
Q2P11	Pearson Correlation	,986 ^{**}	,919 [*]
	Sig. (2-tailed)	,002	,028
	N	5	5

Output 81- Correlações entre o item 11 e os itens 1 e 2 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos

Correlations

		ResiliênciaQ1	ResiliênciaQ3total	ResiliênciaQ2total
ResiliênciaQ1	Pearson Correlation	1	,730	,730
	Sig. (2-tailed)		,161	,161
	N	5	5	5
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,730	1,000**	1
	Sig. (2-tailed)	,161	,000	
	N	5	5	5

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Output 82- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos

Correlations

		Resiliência Q 2sub1	Resiliência Q 2sub2	Resiliência Q 2sub3	Resiliência Q 2sub4
ResiliênciaQ 2sub1	Pearson Correlation	1	,274	,477	,844
	Sig. (2-tailed)		,656	,416	,072
	N	5	5	5	5
ResiliênciaQ 2sub2	Pearson Correlation	,274	1	,629	,167
	Sig. (2-tailed)	,656		,256	,789
	N	5	5	5	5
ResiliênciaQ 2sub3	Pearson Correlation	,477	,629	1	,716
	Sig. (2-tailed)	,416	,256		,173
	N	5	5	5	5
ResiliênciaQ 2sub4	Pearson Correlation	,844	,167	,716	1
	Sig. (2-tailed)	,072	,789	,173	
	N	5	5	5	5

Output 83- Correlações entre as dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe não tem irmãos

		Q 1P1
Q 1P6	Pearson Correlation	,566**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 84- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos

		Q 1P4
Q 1P8	Pearson Correlation	,508**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 85- Correlação entre o item 4 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos

		Q 2P13
Q 2P7	Pearson Correlation	,616**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 86- Correlação entre o item 7 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos

		ResiliênciaQ 1	ResiliênciaQ 2total
ResiliênciaQ 1	Pearson Correlation	1	,644**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	49	49
ResiliênciaQ 2total	Pearson Correlation	,644**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	49	49

Output 87- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos

		Resiliência Q 2sub2
ResiliênciaQ 2sub4	Pearson Correlation	,632**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 88- Correlações entre as dimensões «Eu sou» e «Eu posso» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cuja mãe também tem irmãos

		Q1P3
Q1P4	Pearson Correlation	,583*
	Sig. (2-tailed)	,011
	N	18

Output 89- Correlação entre o item 4 e o item 3 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P2
Q2P4	Pearson Correlation	,559*
	Sig. (2-tailed)	,016
	N	18

Output 90- Correlação entre o item 4 e o item 2 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P2
Q2P6	Pearson Correlation	,662**
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	18

Output 91- Correlação entre o item 2 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P4
Q2P14	Pearson Correlation	,798**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	18

Output 92- Correlação entre o item 4 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P13
Q2P14	Pearson Correlation	,588*
	Sig. (2-tailed)	,010
	N	18

Output 93- Correlação entre o item 13 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P7
Q2P8	Pearson Correlation	,542*
	Sig. (2-tailed)	,020
	N	18

Output 94- Correlação entre o item 7 e o item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P7
Q2P9	Pearson Correlation	,593**
	Sig. (2-tailed)	,010
	N	18

Output 95- Correlação entre o item 7 e o item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P8
Q2P9	Pearson Correlation	,848**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	18

Output 96- Correlação entre o item 8 e o item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P3
Q2P10	Pearson Correlation	,698**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	18

Output 97- Correlação entre o item 3 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P4
Q2P10	Pearson Correlation	,598**
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	18

Output 98- Correlação entre o item 4 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P1
Q2P11	Pearson Correlation	-,517*
	Sig. (2-tailed)	,028
	N	18

Output 99- Correlação entre o item 1 e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P7
Q2P11	Pearson Correlation	-,542*
	Sig. (2-tailed)	,020
	N	18

Output 100- Correlação entre o item 2 e o item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q2P9
Q2P11	Pearson Correlation	-,591**
	Sig. (2-tailed)	,010
	N	18

Output 101- Correlação entre o item 9 e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

Correlations

		ResiliênciaQ1	ResiliênciaQ3total	ResiliênciaQ2total
ResiliênciaQ1	Pearson Correlation	1	,363	,363
	Sig. (2-tailed)		,138	,138
	N	18	18	18
ResiliênciaQ3total	Pearson Correlation	,363	1	1,000**
	Sig. (2-tailed)	,138		,000
	N	18	18	18
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,363	1,000**	1
	Sig. (2-tailed)	,138	,000	
	N	18	18	18

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Output 102- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		ResiliênciaQ2su b1
ResiliênciaQ2sub4	Pearson Correlation	,584 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,011
	N	18

Output 103- Correlações entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu posso» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe também não tem irmãos

		Q1P1
Q1P3	Pearson Correlation	,599 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 104- Correlação entre o item 3 e o item 1 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q1P1
Q1P4	Pearson Correlation	,541 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	30

Output 105- Correlação entre o item 1 e o item 4 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q 1P2
Q 1P8	Pearson Correlation	,514**
	Sig. (2-tailed)	,004
	N	30

Output 106- Correlação entre o item 2 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q 1P3
Q 1P8	Pearson Correlation	,678**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 107- Correlação entre o item 3 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q 1P5
Q 1P6	Pearson Correlation	,645**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 108- Correlação entre o item 5 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P2
Q2P3	Pearson Correlation	,585**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	30

Output 109- Correlação entre o item 2 e o item 3 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P3
Q2P4	Pearson Correlation	,682**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 110- Correlação entre o item 3 e o item 4 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P2
Q2P5	Pearson Correlation	,511**
	Sig. (2-tailed)	,004
	N	30

Output 111- Correlação entre o item 2 e o item 5 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P2
Q2P6	Pearson Correlation	,655**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 112- Correlação entre o item 2 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P3
Q2P6	Pearson Correlation	,677**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 113- Correlação entre o item 3 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P5
Q2P6	Pearson Correlation	,564**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	30

Output 114- Correlação entre o item 5 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P5
Q2P7	Pearson Correlation	,624**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 115- Correlação entre o item 5 e o item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P1
Q2P8	Pearson Correlation	,570**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	30

Output 116- Correlação entre o item 1 e o item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P5
Q2P8	Pearson Correlation	,525**
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	30

Output 117- Correlação entre o item 5 e o item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P6
Q2P8	Pearson Correlation	,525**
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	30

Output 118- Correlação entre o item 6 e o item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P8
Q2P9	Pearson Correlation	,522**
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	30

Output 119- Correlação entre o item 8 e o item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P4
Q2P10	Pearson Correlation	,513**
	Sig. (2-tailed)	,004
	N	30

Output 120- Correlação entre o item 4 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P10
Q2P11	Pearson Correlation	,787**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 121- Correlação entre o item 10 e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P10
Q2P14	Pearson Correlation	,529**
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	30

Output 122- Correlação entre o item 10 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P5
Q2P13	Pearson Correlation	,687**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 123- Correlação entre o item 5 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P8
Q2P13	Pearson Correlation	,574**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	30

Output 124- Correlação entre o item 8 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P14
Q2P12	Pearson Correlation	,544**
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	30

Output 125- Correlação entre o item 12 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q2P13
Q2P14	Pearson Correlation	,504**
	Sig. (2-tailed)	,005
	N	30

Output 126- Correlação entre o item 13 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		ResiliênciaQ 1
ResiliênciaQ 2total	Pearson Correlation	,813**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 127- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		ResiliênciaQ 2su b1
ResiliênciaQ 2sub2	Pearson Correlation	,663**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30

Output 128- Correlações entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu sou» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cuja mãe tem irmãos

		Q 1P5
Q 1P6	Pearson Correlation	-,913*
	Sig. (2-tailed)	,030
	N	5

Output 129- Correlação entre o item 5 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		Q1P5
Q1P7	Pearson Correlation	,913 [*]
	Sig. (2-tailed)	,030
	N	5

Output 130- Correlação entre o item 5 e o item 7 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		Q2P2
Q2P6	Pearson Correlation	1,000 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	5

Output 131- Correlação entre o item 2 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		Q2P1
Q2P7	Pearson Correlation	,919 [*]
	Sig. (2-tailed)	,028
	N	5

Output 132- Correlação entre o item 1 e o item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		Q2P1
Q2P13	Pearson Correlation	,919*
	Sig. (2-tailed)	,028
	N	5

Output 133- Correlação entre o item 1 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		ResiliênciaQ1	ResiliênciaQ2total
ResiliênciaQ1	Pearson Correlation	1	,792
	Sig. (2-tailed)		,110
	N	5	5
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,792	1
	Sig. (2-tailed)	,110	
	N	5	5

Output 134- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		ResiliênciaQ2su b1
ResiliênciaQ2sub3	Pearson Correlation	,970**
	Sig. (2-tailed)	,006
	N	5
ResiliênciaQ2sub4	Pearson Correlation	,970**
	Sig. (2-tailed)	,006
	N	5

Output 135- Correlações entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu estou» e entre as dimensões «Eu estou» e «Eu posso» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai não tem irmãos

		Q1P1
Q1P6	Pearson Correlation	,606**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 136- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos

		Q 1P4
Q 1P8	Pearson Correlation	,536**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 137- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos

		Q 2P2
Q 2P10	Pearson Correlation	,505**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 138- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos

		Q 2P7
Q 2P13	Pearson Correlation	,523**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 139- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos

		ResiliênciaQ1
ResiliênciaQ2	Pearson Correlation	,432**
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	49

Output 140- Correlações entre os resultados da Escala de Avaliação Global da Resiliência e da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos

		ResiliênciaQ2sub b2
ResiliênciaQ2sub4	Pearson Correlation	,636**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	49

Output 141- Correlações entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu posso» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes com irmãos cujo pai também tem irmãos

		Q 1P1
Q 1P2	Pearson Correlation	-,806 [†]
	Sig. (2-tailed)	,029
	N	7

Output 142- Correlação entre o item 1 e o item 2 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q 1P2
Q 1P3	Pearson Correlation	-,849 [†]
	Sig. (2-tailed)	,016
	N	7

Output 143- Correlação entre o item 2 e o item 3 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q 1P7
Q 1P8	Pearson Correlation	-,782 [†]
	Sig. (2-tailed)	,038
	N	7

Output 144- Correlação entre o item 7 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q1P1
Q1P6	Pearson Correlation	,801 [*]
	Sig. (2-tailed)	,031
	N	7

Output 145- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q1P3
Q1P6	Pearson Correlation	,548
	Sig. (2-tailed)	,203
	N	7

Output 146- Correlação entre o item 3 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P1
Q2P5	Pearson Correlation	,881 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	7

Output 147- Correlação entre o item 1 e o item 5 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P1
Q2P7	Pearson Correlation	,801*
	Sig. (2-tailed)	,031
	N	7

Output 148- Correlação entre o item 1 e o item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P5
Q2P7	Pearson Correlation	,885**
	Sig. (2-tailed)	,008
	N	7

Output 149- Correlação entre o item 5 e o item 7 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P1
Q2P8	Pearson Correlation	,881**
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	7

Output 150- Correlação entre o item 1 e o item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P7
Q2P8	Pearson Correlation	,885**
	Sig. (2-tailed)	,008
	N	7

Output 151- Correlação entre o item 7 e o item 8 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P9
Q2P11	Pearson Correlation	-1,000**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	7

Output 152- Correlação entre o item 9 e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P9
Q2P11	Pearson Correlation	-1,000**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	7

Output 153- Correlação entre o item 9 e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P3
Q2P12	Pearson Correlation	-,794*
	Sig. (2-tailed)	,033
	N	7

Output 154- Correlação entre o item 3 e o item 12 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P6
Q2P12	Pearson Correlation	-,891**
	Sig. (2-tailed)	,007
	N	7

Output 155- Correlação entre o item 6 e o item 12 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P1
Q2P13	Pearson Correlation	1,000**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	7

Output 156- Correlação entre o item 1 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P5
Q2P13	Pearson Correlation	,881**
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	7

Output 157- Correlação entre o item 5 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P7
Q2P13	Pearson Correlation	,801*
	Sig. (2-tailed)	,031
	N	7

Output 158- Correlação entre o item 7 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P8
Q2P13	Pearson Correlation	,881**
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	7

Output 159- Correlação entre o item 8 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P1
Q2P14	Pearson Correlation	1,000**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	7

Output 160- Correlação entre o item 1 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P5
Q2P14	Pearson Correlation	,881**
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	7

Output 161- Correlação entre o item 5 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P7
Q2P14	Pearson Correlation	,801*
	Sig. (2-tailed)	,031
	N	7

Output 162- Correlação entre o item 7 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q2P8
Q2P14	Pearson Correlation	,881**
	Sig. (2-tailed)	,009
	N	7

Output 163- Correlação entre o item 8 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		ResiliênciaQ1
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,127
	Sig. (2-tailed)	,786
	N	7

Output 164- Correlação entre a Escala de Avaliação Global da Resiliência e a Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

Correlations

		Resiliência Q 2sub1	Resiliência Q 2sub2	Resiliência Q 2sub3	Resiliência Q 2sub4
ResiliênciaQ 2sub1	Pearson Correlation	1	,377	,461	-,550
	Sig. (2-tailed)		,404	,298	,201
	N	7	7	7	7
ResiliênciaQ 2sub2	Pearson Correlation	,377	1	,637	,564
	Sig. (2-tailed)	,404		,124	,188
	N	7	7	7	7
ResiliênciaQ 2sub3	Pearson Correlation	,461	,637	1	,155
	Sig. (2-tailed)	,298	,124		,740
	N	7	7	7	7
ResiliênciaQ 2sub4	Pearson Correlation	-,550	,564	,155	1
	Sig. (2-tailed)	,201	,188	,740	
	N	7	7	7	7

Output 165- Correlações entre as dimensões da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai também não tem irmãos

		Q 1P5
Q 1P6	Pearson Correlation	,687**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 166- Correlação entre o item 5 e o item 6 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q 1P3
Q 1P8	Pearson Correlation	,595**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 167- Correlação entre o item 3 e o item 8 da Escala de Avaliação Global da Resiliência para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q 2P2
Q 2P5	Pearson Correlation	,518**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	41

Output 168- Correlação entre o item 2 e o item 5 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P1
Q2P6	Pearson Correlation	,500**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	41

Output 169- Correlação entre o item 1 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P5
Q2P6	Pearson Correlation	,589**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 170- Correlação entre o item 5 e o item 6 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P8
Q2P9	Pearson Correlation	,678**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 171- Correlação entre o item 8 e o item 9 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P3
Q2P10	Pearson Correlation	,638**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 172- Correlação entre o item 3 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P4
Q2P10	Pearson Correlation	,509**
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	41

Output 173- Correlação entre o item 4 e o item 10 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P10
Q2P11	Pearson Correlation	,680**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 174- Correlação entre o item 10 e o item 11 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P5
Q2P13	Pearson Correlation	,639**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 175- Correlação entre o item 5 e o item 13 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		Q2P2
Q2P14	Pearson Correlation	,541**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 176- Correlação entre o item 2 e o item 14 da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		ResiliênciaQ1
ResiliênciaQ2total	Pearson Correlation	,780**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 177- Correlação entre a Escala de Avaliação Global da Resiliência e a Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos

		ResiliênciaQ2sub1
ResiliênciaQ2sub2	Pearson Correlation	,622**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41
ResiliênciaQ2sub4	Pearson Correlation	,522**
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	41

Output 178- Correlações entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu sou» e entre as dimensões «Eu tenho» e «Eu posso» da Escala de Avaliação do Eu Resiliente para o grupo de adolescentes sem irmãos cujo pai tem irmãos